

**EMILENE CORRÊA SOUZA**

**A QUESTÃO DA MEMÓRIA IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRA NA POESIA DE  
ANA CRUZ E CONCEIÇÃO EVARISTO**

**PORTO ALEGRE**

**2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LITERATURA  
ESPECIALIDADE: LITERATURAS PORTUGUESA E LUSO-AFRICANAS  
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS CULTURAIS**

**A QUESTÃO DA MEMÓRIA IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRA NA POESIA DE  
ANA CRUZ E CONCEIÇÃO EVARISTO**

**EMILENE CORRÊA SOUZA**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. JANE FRAGA TUTIKIAN (UFRGS)**

Dissertação de Mestrado em Literaturas portuguesa e luso-africana, apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE**

**2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**EMILENE CORRÊA SOUZA**

**A QUESTÃO DA MEMÓRIA IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRA NA POESIA DE  
ANA CRUZ E CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação de Mestrado em Literaturas portuguesa e luso-africana, apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 27 de março de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jane Fraga Tutikian (UFRGS) (Orientadora)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (UFRGS)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina da Costa Silveira (UNIRITTER)

Prof<sup>a</sup>. Dr. Daniel Conte (FEEVALE)

**À mulher afro-brasileira por toda sua história de luta,  
exemplo de força e de superação.**

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida, essencial para a elaboração desta dissertação.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo acolhimento na instituição e pela oportunidade de estudo.

À professora Jane Fraga Tutikian, por ter me aceitado como orientanda e concordado com minha proposta de trabalho, pela amizade, pelos ensinamentos dentro e fora de sala de aula, e por toda compreensão e paciência durante meu processo de escrita.

Aos professores Cicero Galeno Lopes e Zilá Bernd pela amizade, pela experiência como bolsista de iniciação científica na graduação e por todo apoio no ingresso ao mestrado.

Às escritoras Ana Cruz e Conceição Evaristo, por suas obras, por seus ensinamentos de vida e por toda atenção dada a mim e ao meu trabalho.

A todos docentes do Instituto de Letras da UFRGS que tive o prazer de ser aluna, especialmente às professoras Ana Lúcia Liberato Tettamanzy e Maria da Glória Bordini, pelas leituras indicadas e discussões nas disciplinas.

Aos meus pais, Jorge e Vera, por todo incentivo à educação, o apoio de sempre e pela compreensão durante meu processo de escrita, especialmente minha mãe por sua paciência de ler todos meus trabalhos acadêmicos e criticá-los sempre que eu pedia. Peço desculpas pelos dias em que não fui uma boa companhia, por questões de estresse e ansiedade, e por não poder dar a devida atenção a vocês como eu gostaria.

À minha irmã Simone, por me ensinar a importância de correr atrás da concretização dos sonhos mesmo diante das pedras no caminho.

Ao meu cunhado Darlan, pela seriedade na leitura de meu trabalho.

Aos demais familiares e amigos por acreditarem que eu conseguiria, especialmente à Lena, à Sidnéia e ao Marco, pelas palavras reconfortantes quando

eu me via desesperada e me sentindo incompreendida, e ao Plínio pelas discussões produtivas durante a madrugada e pela ajuda de sempre com as normas da ABNT.

Aos colegas do Instituto de Letras da UFRGS que tive o prazer de conhecer durante o mestrado, pela amizade, pela troca de experiência e pelos bons momentos dentro e fora da sala de aula. Agradeço principalmente às colegas e amigas Paula e Sandra, por todo apoio durante o curso e pela colaboração no processo de revisão da dissertação. Que nossa amizade perdure!

## **Encontrei minhas origens**

*Encontrei minhas origens  
em velhos arquivos  
..... livros  
encontrei  
em malditos objetos  
troncos e grilhetas  
encontrei minhas origens  
no leste  
no mar em imundos tumbeiros  
encontrei  
em doces palavras  
..... cantos  
em furiosos tambores  
..... ritos  
encontrei minhas origens  
na cor de minha pele  
nos lanhos de minha alma  
em mim  
em minha gente escura  
em meus heróis altivos  
encontrei  
encontrei-as enfim  
me encontrei*

Oliveira Silveira

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo averiguar como se dá o processo identitário através da memória evocada na poética de Ana Cruz e Conceição Evaristo. O *corpus* teórico está dividido em duas partes. Na primeira, com base em autores como Iván Izquierdo (2004), Jacques Le Goff (2003), Santo Agostinho (1973), Paul Ricoeur (2007), Maurice Halbwachs (2006), Henri Bergson (1990 e 2006) entre outros, discorre-se a respeito de três tipos de memória: individual, coletiva e histórica. Na segunda, pela perspectiva de Michael Pollak (1989 e 1992), Stuart Hall (2003, 2005), Homi Bhabha (1998), Zilá Bernd (1987, 1988 e 2003) e Eduardo de Assis Duarte (2006, 2007 e 2010), aborda-se a questão identitária relacionada ao processo de rememoração utilizado na literatura afro-brasileira. O *corpus* de análise é constituído pelas obras *Guardados da memória*, de Ana Cruz, e *Poemas da recordação de outros movimentos*, de Conceição Evaristo, publicadas no ano de 2008. Tomada a poesia como forma privilegiada e sucinta de extravasar a consciência e os sentimentos humanos quanto à história e à realidade, os resultados desta pesquisa revelam a memória identitária do negro no Brasil a partir dos tipos de vivência elucidadas pelas autoras.

**Palavras-chave:** Memória. Identidade. Literatura afro-brasileira. Poesia. Ana Cruz. Conceição Evaristo.

## ABSTRACT

The present study has as objective to investigate how is the development of the identity process through memory evoked in the poetry of Ana Cruz and Conceição Evaristo. The theoretical *corpus* is divided into two parts. In the first part, based on authors such as Iván Izquierdo (2004), Jacques Le Goff (2003), Saint Augustine (1973), Paul Ricoeur (2007), Maurice Halbwachs (2006), Henri Bergson (1990 and 2006), among others, it discusses about three kinds of memory: individual, collective and historical. In the second part, through the perspective of Michael Pollak (1989 and 1992), Stuart Hall (2003 and 2005), Homi Bhabha (1998), Zilá Bernd (1987, 1988 and 2003) and Eduardo Duarte de Assis (2006, 2007 and 2010), it approaches the identity issue related to the remembrance process used in Afro-Brazilian Literature. The *corpus* of analysis is constituted by *Guardados da memória*, by Ana Cruz, *Poemas da recordação e outros movimentos*, by Conceição Evaristo, both published in 2008. Taking poetry as a privileged and succinct way to spill the consciousness and the human feelings regarding the history and the reality, the results of this research reveal the memory of black identity in Brazil from the different experiences elucidated by the authors.

**Keywords:** Memory. Identity. Afro-Brazilian Literature. Poetry. Ana Cruz. Conceição Evaristo.

## SUMÁRIO

<b>PALAVRAS INTRODUTÓRIAS</b> .....	11
<b>1 MEMÓRIA</b> .....	14
1.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL .....	16
1.2 MEMÓRIA COLETIVA.....	21
1.3 MEMÓRIA HISTÓRICA.....	26
<b>2 MEMÓRIA E PROCESSO IDENTITÁRIO NA LITERATURA</b> .....	32
2.1 A QUESTÃO IDENTITÁRIA .....	36
2.2 MEMÓRIA IDENTITÁRIA E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA .....	43
<b>3 ANA CRUZ: ENTRE HERANÇAS E MILITÂNCIAS</b> .....	50
<b>4 CONCEIÇÃO EVARISTO: ENTRE ESCRITURAS E VIVÊNCIAS</b> .....	65
<b>PALAVRAS FINAIS</b> .....	80
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	83
<b>ANEXO A</b> .....	90
<b>ANEXO B</b> .....	91
<b>APÊNDICE</b> .....	100

## **PALAVRAS INTRODUTÓRIAS**

Ao evocar os velhos arquivos da memória, a partir de lugares, cantos, ritos e palavras, bem como a lembrança do mar e da África, remetemo-nos a tempos distantes presentes na vida dos afro-brasileiros. Imagens como as do navio negreiro, do tronco de açoite e do trabalho escravo a que os negros foram submetidos revelam marcas atemporais fixadas na pele e na alma desses heróis. Heróis que, mesmo frente a todo tipo de repressão ao longo dos séculos, mantiveram-se firmes, pois pertenciam a um lugar e a um povo; tinham uma origem. Nesse sentido, retoma-se o poema de Oliveira Silveira utilizado na epígrafe deste trabalho.

A emergência de recompor a identidade, seja ela individual ou coletiva, implica uma busca. O encontro com as origens, baseado na oralidade e na memória ancestral, colabora para o descobrimento do ser humano como indivíduo pertencente a um grupo social. Ao analisar o passado, revelado por gerações anteriores, toma-se consciência da história e de suas consequências. Desse modo, “a construção da identidade social se converte em um processo de análise e síntese, pessoal e coletivo” (AMARO, 1997, p. 38).

Fatores como discriminação, preconceito e diferenças sociais por conta da cor de pele reforçam a identificação de afrodescendentes com experiências de vida relatadas sobre o período da escravidão por seus ancestrais, demonstrando que “elos de continuidade com seus locais de origem continuam a existir” (HALL, 2003, p. 65). O negro, na qualidade de “emigrante nu” (EVARISTO, 2004), por ter sido arrancado de sua terra natal, sem a possibilidade de levar consigo algo material, manteve preservada na memória sua história e sua cultura, vindo a transmiti-la às gerações futuras através da tradição oral.

Como forma de resistência e de denúncia a todo tipo de opressão causada aos negros no Brasil, surge na literatura uma “contrafala ao discurso oficial, ao discurso do poder” (EVARISTO, 2004, p. 3), a literatura afro-brasileira, desfazendo assim a visão estereotipada sobre o negro tido como exótico e inferior. Dentre os diferentes gêneros literários, é através da poesia que o sujeito enunciativo passa a representar as vozes desses marginalizados pela sociedade, sendo problematizados temas como memória, busca e afirmação identitária, preconceito e discriminação racial.

Assim, comparado aos estudos históricos, antropológicos, sociológicos, entre outros, percebeu-se que a questão da “memória identitária” vem despertando cada vez mais interesse no meio acadêmico literário.

Com o avanço do discurso feminino, temas ligados a gênero e maternidade ganharam mais força na literatura universal e se fizeram presente também na literatura afro-brasileira. Dessa forma, compreendeu-se ser necessário um estudo mais aprofundado dessas questões do ponto de vista das mulheres. Por não ser possível a abrangência de todas as escritoras afro-brasileiras e suas obras neste estudo, julga-se que Ana Cruz e Conceição Evaristo merecem atenção especial. Devido ao fato de terem um número significativo de publicações contínuas no âmbito da literatura afro-brasileira contemporânea, o presente trabalho tem por objetivo a análise de duas obras: *Guardados da memória* (2008), de Ana Cruz, e *Poemas de recordação de outros movimentos* (2008), de Conceição Evaristo, restringindo-se ao exame dos poemas mais significativos de cada obra quanto ao tema aqui proposto. Como metodologia, utiliza-se a pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, tendo como técnica investigação do tipo bibliográfica e documental.

Constituído por dois capítulos, o *corpus* teórico explora a questão da memória identitária. No primeiro capítulo, busca-se definir o tema memória, com base em Iván Izquierdo em *Questões sobre memória* (2004), Jacques Le Goff em *História e memória* (2003) e Paul Ricoeur em *A memória, a história, o esquecimento* (2007). A partir da definição, discorre-se a respeito de três tipos de memória: individual, coletiva e histórica. Sobre a memória individual, utiliza-se como fonte de referência as obras *Confissões* (1973), de Santo Agostinho, e *Matéria e memória* (1990) e *Memória e vida* (2006), de Henri Bergson. Quanto à memória coletiva, expõe-se a teoria de Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva* (2006) e a contribuição de Jô Gondar no artigo “Quatro proposições sobre memória social” (2005). No que diz respeito à memória histórica, retoma-se a obra de Halbwachs. Vale ressaltar a perspectiva de Ricoeur a respeito das teorias de Bergson e de Halbwachs, e a obra *Memória e sociedade* (1994), de Ecléa Bosi.

No segundo capítulo, discute-se a questão identitária relacionada ao processo de rememoração utilizado na literatura afro-brasileira. Como forma de introduzir a relação entre memória e identidade, apresenta-se o documento escrito da conferência proferida por Michael Pollak, intitulada *Memória e identidade social*

(1992). Quanto à questão identitária, o presente estudo apoia-se na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2005), de Stuart Hall, sendo utilizadas também as obras *O local da cultura* (1998), de Homi Bhabha, e *Literatura e identidade nacional* (2003), de Zilá Bernd. A respeito da questão identitária e da literatura afro-brasileira, retomam-se as obras *O que é negritude* (1988), *Introdução à literatura negra* (1988) e *Negritude e literatura na América Latina* (1987), de Bernd. Ainda sobre a literatura afro-brasileira, expõe-se a contribuição do estudo de Eduardo de Assis Duarte em artigos disponíveis no *Portal da Literatura afro-brasileira* (Literafro), bem como de Cuti (Luis Silva), em *Literatura negro-brasileira* (2010), e Elio Ferreira, em artigo publicado na obra *Literatura afrodescendente: memória e construção de identidades* (2011). Sendo assim, traça-se um percurso teórico para preparar e apoiar os capítulos analíticos.

Nos terceiro e quarto capítulos, analisa-se as obras *Guardados da memória* (2008), de Ana Cruz, e *Poemas da recordação de outros movimentos* (2008), de Conceição Evaristo, com o intuito de verificar como se faz presente a questão da memória identitária na poesia dessas autoras. Numa breve pesquisa a respeito das obras de Cruz e Evaristo, verificou-se em meio eletrônico<sup>1</sup> que até o final de 2011 havia vinte e um artigos e duas dissertações sobre a obra de Conceição Evaristo e quase ou nenhum trabalho acadêmico que tratasse das obras de Ana Cruz. Dentre os trabalhos pesquisados sobre Conceição Evaristo, treze deles abordam sua obra poética, sendo cinco sobre o tema “memória” e nenhum sobre o tema “identidade”. A maioria dos trabalhos tratam do lirismo presente na poética da autora e de questões como etnicidade e gênero. Dessa forma, apoiada no recurso da memória, esta exposição pretende possibilitar a percepção do processo identitário afro-brasileiro nas obras mencionadas.

---

<sup>1</sup> *Portal de periódicos da Capes*. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>. *Scielo*. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. *Google*. Disponível em: <<http://www.google.com.br>>. *Literafro*. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro>>. *Domínio público*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. *LUME. Repositório digital*. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br>>.

## 1 MEMÓRIA

*A realidade apenas se forma na memória;  
as flores que hoje me mostram pela primeira  
vez não me parecem verdadeiras flores.*

Marcel Proust

Entende-se por memória a capacidade de conservar e recordar experiências passadas, correspondendo àquilo que ocorre ao espírito como consequência de acontecimentos já vividos. Trata-se também da exposição ou relato, na forma escrita ou oral, de um episódio ou de uma série de episódios narrados mais ou menos de modo sequencial. Sua função geral consiste em reviver ou restabelecer acontecimentos passados com maior ou menor consciência do que o momento presente, sendo este um ato de revivescimento.

Iván Izquierdo, em *Questões sobre memória* (2004), aponta que a constituição do ser humano como sujeito se faz por meio do que é lembrado, ou seja, pela memória, ainda que isso seja um tema enigmático no ponto de vista neurobiológico. Conforme o autor, “o conjunto das memórias que cada um de nós tem é o que nos caracteriza como indivíduos. Mas também nos caracteriza como indivíduos aquilo que resolvemos ou desejamos esquecer” (IZQUIERDO, 2004, p. 12). Desse modo, a memória seria responsável por diferenciar um indivíduo de outro através das lembranças de experiências passadas, assim como pelo esquecimento voluntário dessas vivências.

Para o autor, “memória é aquisição, conservação e evolução de informações” (2004, p. 15) e sua evocação se dá a partir da recordação ou lembrança e a falta de sua evocação ao esquecimento. Izquierdo enumera ainda quatro tipos de memória: memória imediata, memória de curta duração, memória de longa duração e memória remota. Cabe salientar que esses tipos de memória dizem respeito a tempos específicos ao longo da vida do ser humano e que, dentre eles, julga-se ser a memória de longa duração a mais significativa para este estudo, tendo em vista ser ela a responsável pelas lembranças de um passado distante.

Para Jacques Le Goff, em *História e memória* (2003, p. 419): “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-se em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

Ao apontar diferentes ciências que estudam a memória, como a psicologia, a psicofisiologia, a neurologia e a biologia, Le Goff apresenta ligações entre diferentes formas de memória. A partir das considerações de Leroi-Gourhan, o autor distingue três tipos de memória: memória específica, memória étnica e memória artificial, sendo as duas primeiras ligadas ao comportamento animal e/ou humano, e a última ao meio computacional, eletrônico. No que diz respeito ao ponto de vista psicológico, é exposta a memória individual e a memória coletiva, sendo esta, muitas vezes, relacionada a estudos históricos, por abordar “problemas do tempo e da história” (LE GOFF, 2003, p. 422).

Já na conclusão desse capítulo o autor traz, mesmo que de forma sucinta, o tema identidade relacionando à questão da memória, indicando que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 469).

Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), expõe que: “memória individual e memória coletiva são postas em posição de rivalidade. Contudo, elas não se opõem no mesmo plano, mas em universos de discursos que se tornam alheios um ao outro” (RICOEUR, 2007, p. 106). Ao fazer essa afirmação, apresenta teorias acerca desses dois tipos de memória. Sobre a primeira traz três teorias: de Santo Agostinho, de John Locke e de Husserl, que, segundo o autor, se diferem e ao mesmo tempo se complementam; quanto à segunda, expõe a teoria de Maurice Halbwachs.

A partir da visão de Le Goff, de que há uma identidade individual e outra coletiva, bem como suas relações com a história, e da afirmação de Ricoeur, no que diz respeito à memória como um dos elementos constituintes da identidade, nas sessões seguintes discorre-se sobre esses três tipos de memória: individual, coletiva (ou social) e histórica, por ser de grande importância estudá-las quanto à questão da memória identitária.

## 1.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL

Santo Agostinho em suas *Confissões*, datadas em 397 e 398 d. C., traz em seu décimo livro a memória como própria do espírito, mas que também está fora dele (no corpo), fazendo breve distinção entre memória e esquecimento, e entre memória imediata e remota.

[...] Eu então, com a mão do espírito, afasto-as do rosto da memória, até que se desanuvie o que quero e do seu esconderijo a imagem apareça à vista. Outras imagens ocorrem-me com facilidade e em série ordenada, à medida que as chamo. Então as precedentes cedem o lugar às seguintes, e, ao cedê-lo, escondem-se, para de novo avançarem quando eu quiser. É o que acontece, quando digo alguma coisa decorada (AGOSTINHO, 1973, p. 200).

Conforme o autor, a memória está diretamente ligada às experiências do espírito e às imagens que essas experiências produzem no corpo, ou seja, no interior do ser humano. Essas imagens ocorrem por meio da percepção, dos sentidos e dos objetos de representação que cada indivíduo armazena em sua memória, sendo elas o ponto de intersecção entre realidade e lembrança.

No capítulo onze do décimo livro, Agostinho reflete sobre o *cogito* de Descartes. Nessa ideia, o saber seria resultado do ato de pensar, sendo este elemento constituinte da memória; esta capaz de fazer o indivíduo aprender a partir de experiências do passado.

[...] E o que agora entendo e distingo, conservo-o na memória para depois me lembrar de que agora entendi. Por isso lembro-me de que me lembrei. E assim, se mais tarde me lembrar de que agora pude recordar estas coisas, será pela força da memória!” (AGOSTINHO, 1973, p. 204).

Ao separar corpo e espírito, o autor explica que é possível reviver o passado a partir de sensações presentes, explicando ser possível uma situação de tristeza ocorrida no passado por motivo de alegria no presente e vice-versa: “[...] a memória é como o ventre da alma. A alegria, porém, e a tristeza são o seu alimento, doce ou amargo” (AGOSTINHO, 1973, p. 205).

Para Agostinho, compete à memória fazer com que o espírito armazene essas experiências, para que possam ser evocadas pela lembrança quando necessário, de

forma voluntária ou involuntária, sempre com o objetivo de ensinar ao ser humano sobre suas vivências passadas. A ausência também é motivo de lembrança, uma vez que a imagem é registrada na memória a partir do que foi percebido. Dessa forma, uma palavra com significado já aprendido ou um objeto não presente remetem a algo já vivenciado, estando sempre presentes na memória para serem evocados.

No capítulo dezesseis do décimo livro, Agostinho aborda a memória como individual e própria do ser humano, sendo também responsável pela formação da identidade de cada indivíduo: “não procuro as leis do equilíbrio da Terra; sou eu que me lembro, eu, o meu espírito. Não é de admirar que esteja longe de mim tudo o que não sou. Todavia, que há mais perto de mim do que eu mesmo?” (AGOSTINHO, 1973, p. 207). Nesse mesmo capítulo, o autor apresenta o esquecimento como parte integrante da memória: “[...] estou *certo de que me lembro do esquecimento*, que nos varre da memória tudo aquilo de que nos lembramos” (AGOSTINHO, 1973, p. 207).

Nos capítulos seguintes, é feita uma distinção entre perda de memória e esquecimento. Segundo Agostinho, é possível esquecer algo que já esteve presente na memória, mas se algo não foi propriamente armazenado em nossa memória e esquecido por completo, ocorre a perda de memória, isto é, “aquilo de que nos lembramos ter esquecido, ainda o não esquecemos inteiramente. Por isso, não podemos procurar um objeto perdido, se dele nos esquecemos totalmente” (AGOSTINHO, 1973, p. 209).

Para o autor, a lembrança é tomada como algo que se sabe que existe a partir da aprendizagem, mas, também, se encontra pré-existente na alma do ser humano. Uma vez que algo é lembrado sem ter sido vivido de forma efetiva acontece o que chamamos de *dejà vu*, ou seja, é evocada a memória de algo que poderia ter sido vivenciado pela alma em uma vida anterior, sendo uma aprendizagem inata. Como exemplo disso, Agostinho traz o sentimento de felicidade. Embora nem todo ser humano tenha propriamente sentido ou presenciado a felicidade, esta é o sentimento mais almejado por todos, e explica: “[...] se fosse possível perguntar-lhes a uma só voz se ‘queriam ser felizes’, todos, sem hesitação, responderiam que sim. O que não aconteceria, se a memória não conservasse a própria realidade, significada nessa palavra” (AGOSTINHO, 1973, p. 210). Nesse contexto,

compreende-se que, mesmo que a felicidade não tenha sido alcançada por todos em algum momento da vida, seu significado remete a uma aprendizagem inata, própria de cada indivíduo, e encontra-se em algum lugar desconhecido da memória. Dessa forma, seria possível distinguir, ainda, outros dois tipos de memória, a memória sensitiva, que corresponderia à percepção de imagens, e a memória intelectual, que se encontra já pré-concebida na alma e, conseqüentemente, no pensamento humano.

Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), afirma que na teoria de Santo Agostinho a memória demonstra um caráter essencialmente privado, apresentando três traços característicos: a singularidade do indivíduo, a narrativa autêntica de cada ser e “o sentido da orientação na passagem do tempo”, ou seja, as experiências de cada indivíduo. Segundo Ricoeur, apesar de Agostinho conhecer o “homem interior”, desconhece a relação entre “a identidade, o si e a memória” e, por isso, ignora a memória coletiva, tendo a interioridade como um lugar íntimo e a memória como o presente do passado de cada ser. Diferente de Agostinho, Locke apresenta a noção de identidade, consciência e o si, onde afirma que “consciência e memória são uma mesma coisa” (RICOEUR, 2007, p. 116), pois correspondem ao si e à mente do ser humano, sendo responsáveis pela formação de uma identidade pessoal ou individual.

Em concordância com Locke, Husserl apresenta uma “filosofia transcendental da consciência”, onde teoriza sobre a intersubjetividade. Nessa perspectiva “a consciência do tempo é declarada íntima” (RICOEUR, 2007, p. 120), conforme teoria de Santo Agostinho, porém, embora cada indivíduo tenha uma “consciência solitária”, a identidade é verificada a partir da diferença com o outro e da experiência compartilhada entre indivíduos. Nesse sentido, “o conceito sociológico de consciência coletiva pode resultar apenas de um processo secundário de objetivação das trocas intersubjetivas” (RICOEUR, 2007, p. 129).

Henri Bergson, em *Matéria e memória* (1990) e *Memória e vida* (2006), apresenta teoria com pontos em comum à de Santo Agostinho, onde aparece o futuro como um terceiro ponto temporal a ser analisado. Para Bergson, a lembrança “representa precisamente o ponto de intersecção entre espírito e matéria” (1990, p. 4), sendo a imagem a representação de algum objeto ou sentimento que encontramos na memória.

Em sua teoria, Bergson afirma ocorrer em grande parte da memória uma ação voluntária evocada por lembranças independentes localizadas entre passado, presente e, conseqüentemente, futuro: “*Nós só percebemos, praticamente, o passado*, o presente puro sendo o inapreensível avanço do passado a roer o futuro” (BERGSON, 1990, p. 123).

Ao apontar essas três marcas temporais, o autor expõe dois tipos de memória: a memória-lembrança, adquirida a partir da aprendizagem, da lição, por meio do hábito da repetição, e a memória-imagem evocada por meio da ação, ou seja, da leitura de imagens no presente. Assim, a primeira seria a lembrança-pura, uma memória adquirida, e a segunda, a lembrança-imagem, ou, mais precisamente, a lembrança da lembrança, memória espontânea; entre elas haveria a percepção como ponto em comum para uma ação futura: “[...] é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (BERGSON, 1990, p. 125).

Quanto ao armazenamento da memória, Bergson afirma ser a lembrança uma aquisição a partir de uma experiência individual vivida, onde o corpo seria o responsável pela seleção de imagens adquiridas com a finalidade de apresentá-las sempre que requeridas pela memória. Para o autor, uma segunda seleção dessas imagens seria “menos rigorosa que a primeira”, tendo em vista que a primeira parte de uma experiência comum e a segunda de uma individual, uma vez que a percepção produz representações diferentes em cada indivíduo.

Na conclusão de *Matéria e memória*, Bergson afirma existir um abismo entre o corpo e o espírito, e verifica-se certa contradição em sua teoria quando diz que:

[...] Em se tratando de lembrança, o corpo conserva hábitos motores capazes de desempenhar de novo o passado; pode retomar atitudes em que o passado irá se inserir; ou ainda, pela repetição de certos fenômenos cerebrais que prolongaram antigas percepções, irá fornecer à lembrança um ponto de ligação com o atual, um meio de reconquistar na realidade presente uma influência perdida: mas em nenhum caso o cérebro armazenará lembranças ou imagens (BERGSON, 1990, p. 185).

Ao contrário de Bergson, acredita-se ser o corpo responsável pelo registro de lembranças na memória, sendo essas evocadas a partir da ligação do presente com o passado, pois, conforme o autor, “a lembrança é representação de um objeto

ausente” (p. 193) e, por isso, se faz necessário o armazenamento das imagens no cérebro do ser humano.

Ecléa Bosi no primeiro capítulo de *Memória e sociedade* (1994) irá cruzar as teorias de Bergson e de Halbwachs a fim de discutir a memória dos velhos, objeto este de estudo e análise de toda sua obra. Por ora, cabe aqui chamar a atenção para o que a autora diz a respeito da teoria de Bergson. De acordo com a autora, para Bergson, lembrança e percepção são objetos de oposição, visto que a teoria de Bergson “está centrada no princípio da diferença” (p. 46): corpo / mente; matéria / memória.

Segundo Bosi, a memória torna visível o que antes “estava submerso”; em outras palavras, a memória possui:

[...] função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 46-47).

Nessa perspectiva, existiriam duas memórias: a memória-hábito, composta de percepção pura, e a memória constituída por lembranças independentes, ocorrendo um conflito entre elas, ou seja, um processo que acontece a partir das exigências da socialização, das práticas do dia a dia; uma memória inconsciente. A respeito disso, Bosi afirma que “Bergson quer mostrar que o passado se conserva inteiro e independente no espírito; e que seu modo próprio de existência é um modo inconsciente” (1994, p. 51), tendo em vista que a memória é a que “conserva o passado, seja ele na forma de lembrança ou pelo inconsciente humano. Porém, conforme visto anteriormente, a memória também se faz presente no corpo, mesmo que de forma inconsciente, sendo evocada pelas imagens produzidas a partir da percepção dessas lembranças. Na sequência, discute-se a memória coletiva.

## 1.2 MEMÓRIA COLETIVA

Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva* (2006), traz a memória individual como elemento desnecessário para a constituição da memória coletiva, uma vez que a memória individual, assim como a coletiva, envolve experiências passadas de mais de uma pessoa durante seu processo de evocação e da reconstrução de lembranças, pois, conforme o autor: “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30), sendo dispensável a presença física de outros, desde que em nossa consciência estes permaneçam presentes.

Um dos exemplos apresentados pelo autor é um passeio em grupo. Ao caminhar com diferentes pessoas e conhecer a cidade por diferentes pontos de vista, a pessoa passa a englobar em sua memória individual a memória do outro, tornando esse momento de passeio uma memória também coletiva, por envolver mais de um participante na ação do grupo. Embora o mesmo passeio possa ser realizado de forma solitária, essa mesma pessoa compartilha uma memória coletiva, pois está em contato com elementos de referência memorialística de determinado grupo que tenha estado no mesmo local, seja a partir do contato direto ou indireto com essas pessoas, ou por alguma manifestação artística, como livros, quadros e esculturas.

[...] o depoimento de alguém que esteve presente ou participou de certo evento não nos fará recordar nada se não restou em nosso espírito nenhum vestígio do evento passado que tentamos evocar, não pretendemos dizer que a lembrança ou parte dela devesse substituir em nós da mesma forma, mas somente que, como nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum com relação a certos aspectos, permanecemos em contato com esse grupo e ainda somos capazes de nos identificar com ele e de confundir o nosso passado com o dele (HALBWACHS, 2006, p. 33).

Nesse sentido, Halbwachs expõe que a memória coletiva seria uma rememoração de eventos de participantes de determinado grupo a partir da ótica de cada um. Mesmo que alguém desse grupo não possua uma mesma lembrança a respeito de acontecimentos passados, seu testemunho sobre o passado compõe uma memória coletiva, fazendo com que seus participantes se identifiquem com

essas lembranças. Quando isso não ocorre, ou seja, quando não nos reconhecemos em determinado grupo, seja por não guardar nenhuma lembrança dele ou por não nos identificarmos com as lembranças descritas por outros, deixamos de estar no grupo e, conseqüentemente, de compartilhar essa memória, a menos que reencontremos no esquecimento do presente algum acontecimento individual que refaça essa ligação com o passado.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Ao afirmar que “o fato de que a memória coletiva não explica todas as nossas lembranças e, talvez, não explique por si a evocação de qualquer lembrança” (2006, p. 42), Halbwachs explica que o estado de consciência é puramente individual, chamando-o de *intuição sensível*. Desse modo, nossas emoções e percepção do meio social se dão de forma particular em cada ser humano e sua própria história de vida, o que vai de encontro, de certa forma, com a teoria de Bergson.

Embora parte de nossas lembranças seja individual, Halbwachs afirma que há certas lembranças que só podem ser ativadas a partir de nossa vivência com o outro, sendo nossas lembranças divididas em dois contextos de pensamentos, um individual e outro coletivo. Uma vez que “a intuição sensível e a ligação que ela estabelece [...] em nossa consciência se explica pela associação que existe ou se estabelece entre objetos fora de nós” (HALBWACHS, 2006, p. 59), constata-se que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Retomando *Memória e sociedade* (1994), Ecléa Bosi situa a teoria psicossocial de Halbwachs “na tradição da sociologia francesa” (p. 53) a partir de Émile Durkheim e Auguste Comte. Segundo a autora, devido a um “predomínio do social sobre o individual” a teoria de Bergson deixa um vazio quanto à questão da “memória como fenômeno social”, tendo em vista que esse é exterior ao indivíduo em si. Nessa perspectiva, Halbwachs irá tratar dos “quadros sociais da memória” constituídos pelos diferentes grupos nos quais o ser humano está inserido: “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a

escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p. 54).

Bosi afirma que, com o passar do tempo, a percepção se modifica, posto que as imagens se alteram conforme a realidade de cada indivíduo, ou seja, experiências de infância já não são as mesmas de adulto, pois cada momento proporciona uma perspectiva diferente sobre a vida: “[...] O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista” (1994, p. 55).

Ao analisar o indivíduo como testemunha da memória social de certo grupo a que pertence, Bosi expõe: “Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (1994, p. 411). Nesse sentido, a autora reforça a ideia de que a memória social é constituída a partir do ponto de vista de cada memória individual, onde o que “parece unidade é múltiplo” (p. 413), pois a lembrança “é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado” (p. 413).

Paul Ricoeur (2007) defende que, para Halbwachs, “para se lembrar, precisa-se dos outros” (p. 130), mas salienta que de forma alguma a memória individual deriva da coletiva e ou vice-versa, uma vez que, frente a determinado grupo, a memória individual retém-se em si mesma:

[...] Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se assim gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo; elas exigem de nós um deslocamento de ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. Temos, assim, acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não nós. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem (RICOEUR, 2007, p. 131).

Nessa visão, o autor aponta que a teoria de Halbwachs possui um argumento negativo e outro positivo. O primeiro diz respeito ao fato de a memória individual ser evocada somente a partir de “apoios externos”, ou seja, quando ela puder ser compartilhada por algum grupo; o segundo de que quando se faz parte de um grupo o pensamento é comum a todos participantes. Nesse sentido, a lembrança só poderia ser evocada pelo indivíduo que já tenha sido parte de um coletivo, pois “não

nos lembramos sozinhos” (RICOEUR, 2007, p. 131), o que contrasta com o que foi observado anteriormente, uma vez que, segundo Halbwachs, a consciência é individual, sensível, subjetiva.

Ricoeur afirma que Halbwachs ignora a “ideia de espontaneidade de um sujeito individual” (2007, p. 132) e que a memória só pode ser evocada a partir de fatos compartilhados por um coletivo. A partir dessa afirmação, acredita-se que Halbwachs não desmereça o pensamento individual, mas que o principal objetivo de sua teoria é de demonstrar que além de uma memória individual exista uma outra, coletiva, tendo em vista que determinados fatos só podem ser lembrados a partir do conjunto de diferentes perspectivas, ou seja, através das lembranças de mais de uma pessoa.

Concluindo que as teorias de Santo Agostinho, John Locke, Husserl e Halbwachs “sugerem uma conclusão negativa” quanto à memória, Ricoeur propõe, ainda, um novo aspecto de estudo: “os três sujeitos de atribuição da lembrança”: o eu, os coletivos e os próximos. Nessa nova discussão, o autor, inspirado pela obra *Les Individus* de P. F. Strawson, afirma que, além do individual (o eu) e do coletivo (os outros), existe um ponto de intersecção entre eles; os próximos. Para Ricoeur os próximos compõem uma memória compartilhada que ultrapassa o coletivo e se relaciona diretamente ao que é individual, por pertencerem a uma mesma geração. Nessa visão, os próximos seriam testemunhas do que é lembrado por cada indivíduo, sendo essas três atribuições da memória uma “relação dinâmica constantemente em movimento” (RICOEUR, 2007, p. 141).

Uma vez que esses próximos constituem a memória coletiva a partir da individual (esta que depende do testemunho do outro para o ato de evocar a lembrança), e que essas relações encontram-se sempre em evolução, considera-se neste trabalho a proposta de Halbwachs, posto que a percepção de acontecimentos passados remete o indivíduo ao coletivo, mesmo que este não tenha feito parte diretamente desses acontecimentos. Nesse sentido, mesmo que sejam membros de uma mesma geração, onde indivíduos partilhem das mesmas memórias, acredita-se que os próximos são uma das partes que constituem o coletivo, posto que a memória coletiva só se faz coletiva se partilhada por indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social, como, por exemplo, integrantes de uma mesma família, escola, igreja e até ambiente de trabalho, em determinado tempo histórico ou não.

Frente às múltiplas definições e modos de abordagem para o que seria memória social ou coletiva, Jô Gondar (2005), no artigo “Quatro proposições sobre memória social”, sugere que: 1) “o conceito de memória social é transdisciplinar”, 2) “o conceito de memória social é ético e político”, 3) “a memória social é uma construção processual”, e que 4) “a memória não se reduz à representação”. Na primeira proposição a autora afirma que “[...] diferentes configurações histórico-sociais, e mesmo saberes diversos que surgem em uma mesma época e em uma mesma sociedade, são capazes de produzir concepções distintas de memória social, conforme os problemas a que pretendem responder” (GONDAR, 2005, p. 12). Nesse sentido, expõe que a memória social é polissêmica, transversal e ou transdisciplinar. Após distinguir o que seria multi, inter e transdisciplinar, Gondar afirma que, no âmbito das diversas disciplinas, o conceito de memória “está sempre por ser criado: é um conceito em movimento” (p. 15), propondo que essas barreiras disciplinares sejam transpostas, visto que nenhuma delas é melhor que a outra, sendo o mais importante problematizar e criar novos conceitos.

Na segunda proposição, Gondar menciona as teorias de Halbwachs e de Foucault, tendo uma como ética e a outra como política, afirmando que cada ponto de vista influencia no modo de interpretação das lembranças refletidas no meio social presente e nas escolhas futuras. Segundo a autora, “uma lembrança ou um documento jamais é inócuo: eles resultam de uma montagem não só da sociedade que os produziu, como também das sociedades onde continuaram a viver, chegando até a nossa. Essa montagem é intencional e se destina ao porvir” (GONDAR, 2005, p. 17). Desse modo, independentemente da teoria quanto ao conceito de memória social, cada discurso deve aceitar sua transversalidade, sabendo que de qualquer forma há um empenho ético-político.

Quanto à terceira proposição, a autora afirma que o que se faz na atualidade é reconstruir o passado a partir do ponto de vista presente e das relações sociais entre os indivíduos, sendo, portanto, o tempo tido como “componente inseparável do conceito de memória” (p. 18) e o homem objeto de investigação. Ao comparar teorias de Pierre Nora, Halbwachs, Nietzsche, Bergson e Freud, Jô Gondar expõe que, diferente desses, “os autores [de hoje] que focalizam o processo de construção da memória não valorizam tanto os seus pontos de partida e de chegada, concedendo ênfase ao *durante*” (GONDAR, 2005, p. 21), defendendo que refletir

sobre a memória, como um ato processual, envolve diferentes pensamentos e discussões.

Em sua última proposição, Gondar afirma que é através da memória social que o individual se representa, por meio de suas relações, sendo um campo estabelecido pelo coletivo. Ao confrontar teorias de Durkheim, Halbwachs e Foucault, a autora simplifica que o primeiro traça “uma analogia entre a esfera da memória e da representação coletiva” (GONDAR, 2005, p. 23), o segundo unifica determinados grupos sociais e o terceiro baseia-se na singularidade. Sobre a perspectiva deste último, Gondar apresenta o afeto (ou âmbito afetivo) como etapa do processo de produção da memória, dando sentido às percepções vivenciadas. Nesse contexto, é enfatizado que as representações são invenções dos indivíduos e elas tornam-se hábito por motivo de repetição, concluindo que “conceber a memória como processo não significa excluir dele as representações coletivas, mas, de fato, incluir a invenção e a produção do novo” (GONDAR, 2005, p. 23), tendo em vista que a criação está diretamente ligada à existência de uma memória. A seguir, passa-se à memória histórica.

### 1.3 MEMÓRIA HISTÓRICA

*Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.*

Pierre Nora, 1993.

Para além da discussão entre memória individual e coletiva, Maurice Halbwachs (2006) aponta outra problemática no âmbito do social, a memória histórica. Esta que estaria diretamente ligada à memória da nação. Se por um lado, a memória individual diz respeito à vida pessoal de cada indivíduo, não sendo “inteiramente isolada e fechada” (p. 72), por outro, a memória coletiva é composta por memórias individuais. “Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa

precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

De acordo com o autor, quando certos acontecimentos são externos ao indivíduo e desconhecidos por ele, por terem ocorrido antes de sua existência, é necessária a evocação de lembranças por meio do testemunho do coletivo. Nesse sentido, muitas vezes, é evocado o pensamento nacional sobre fatos históricos, que jamais poderiam ser lembrados pelo indivíduo, apenas imaginados, tendo em vista a memória histórica ser externa, demasiado extensa e representar o passado de forma “resumida e esquemática”.

Se o ambiente social passado subsistisse para nós somente em tais representações históricas e, se, de modo mais geral, contivesse apenas datas associadas a acontecimentos definidos em termos gerais ou recordações abstratas de acontecimentos, a memória coletiva permaneceria muito exterior a nós (HALBWACHS, 2006, p. 74).

Desse modo, a memória coletiva está ligada diretamente ao passado de determinado grupo, enquanto que a memória histórica relaciona-se de forma mais externa aos acontecimentos ocorridos pelo coletivo. Em outras palavras, a memória histórica engloba a memória de muitos grupos, devido ao fato de ser menos restrita temporalmente que a memória coletiva. “Um acontecimento só toma lugar na série dos fatos históricos algum tempo depois de ocorrido. Portanto, somente bem mais tarde é que podemos associar as diversas fases de nossa vida aos acontecimentos nacionais” (HALBWACHS, 2006, p. 75). Isso ocorre do mesmo modo com lembranças evocadas em diferentes momentos de vida, sendo elas reconstituídas pelo indivíduo a partir do ponto de vista coletivo.

Pelo menos em aparência, as datas e os fatos históricos ou nacionais que elas representam [...] podem ser inteiramente exteriores às circunstâncias de nossa vida; no entanto, mais tarde, quando refletirmos sobre eles, fazemos “muitas descobertas”, entendemos “o porquê de muitos acontecimentos”. Isto pode ser entendido em muitos sentidos (HALBWACHS, 2006, p. 76).

Embora fatos ocorridos em determinado grupo não possam ser efetivamente lembrados de forma completa e fidedigna, é possível serem reconstruídos a partir dos acontecimentos históricos, pois “nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida” (HALBWACHS, 2006, p. 79).

Assim como a memória histórica é composta pela memória coletiva de diferentes grupos situados em diferentes tempos e espaços, suas lembranças resultam da memória individual. “As lembranças coletivas viriam se aplicar sobre as lembranças individuais e assim poderíamos agarrá-las mais cômoda e mais seguramente; mas para isso será preciso que as lembranças individuais já estejam ali – senão a nossa memória funcionaria no vazio” (HALBWACHS, 2006, p. 80). Assim, o ato de rememoração do coletivo e, conseqüentemente da história, pressupõe essencialmente a “existência de uma consciência individual” (HALBWACHS, 2006, p. 81).

É interessante perceber que em determinados casos a história é lembrada a partir da experiência de pessoas mais próximas que vivenciaram algo significativo para a sociedade. A exemplo disso, Halbwachs traz a infância e a convivência com pessoas mais velhas. Para o autor, essas pessoas representam para uma criança determinado momento histórico, demonstrando ser possível a reconstrução do passado de uma nação a partir de acontecimentos vividos e relatados a ela. Dessa forma, sempre que a criança, já na fase adulta, evocar certo momento da história, irá automaticamente lembrar dessa pessoa mais velha e das histórias de vida narradas por ela que tenham ocorrido durante determinado tempo histórico.

Se caso um avô tenha narrado suas experiências durante uma guerra, a criança, sempre que for lembrar desse episódio, irá relacioná-lo à história contada por seu avô, não sendo possível de descrever todos os acontecimentos da guerra, mas o que de fato ocorreu pelo ponto de vista do avô, de forma resumida quanto ao todo ocorrido. “A história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado” (HALBWACHS, 2006, p. 86). Por essa perspectiva, compreende-se ser a memória histórica mutável e contínua, por estar sujeita à adição de informações construídas e imaginadas ao longo dos anos por cada indivíduo em contato com diferentes grupos e gerações durante toda sua trajetória de vida.

Halbwachs destaca ainda que é pelas diferenças e semelhanças que as gerações muitas vezes se confundem, enfatizando a importância da história vivida sob a história escrita, uma vez que é através do passado que às lembranças pessoais serão dadas significado. Nesse sentido, passado e presente vezes afastam-se vezes confundem-se em determinados contextos.

[...] podemos chamar de lembranças muitas representações que, pelo menos parcialmente, se baseiam em testemunhos e deduções – mas então, a parte do social, digamos, do histórico na memória que temos de nosso próprio passado, é bem maior do que podemos imaginar. Isso porque desde a infância, no contato com os adultos, adquirimos muitos meios de encontrar e reconhecer muitas lembranças que, sem isso, teríamos esquecido rapidamente, em sua totalidade ou em parte (HALBWACHS, 2006, p. 91).

No que tange à constituição de uma lembrança, Halbwachs afirma ser esta uma reconstrução do passado que colabora para a compreensão do presente e do futuro, ocorrendo durante certos momentos alteração dessas imagens, uma vez que, pela noção histórica, nem sempre a impressão dos fatos existe propriamente, sendo necessária a reconstrução do contexto histórico, através da memória coletiva, para que a lembrança seja recriada. Desse modo, o autor enfatiza a importância da memória coletiva em contrapartida à memória histórica, pois é através da memória coletiva que se podem evocar lembranças individuais e de infância, esta diretamente ligada a lembranças familiares e de experiências de vida mais concretas de pessoas próximas, enquanto que a memória histórica corresponde à visão de mundo já concebida pelo adulto e por suas reflexões influenciadas pelo contato com o meio social.

Halbwachs destaca também uma dupla condição quanto à reconstituição de lembranças: o indivíduo que rememora determinado fato e a alteração dessa lembrança em contato com a rememoração do coletivo, pois, segundo o autor, “é impossível que duas pessoas que presenciaram um mesmo fato o reproduzam com traços idênticos quando o descrevem algum tempo depois” (HALBWACHS, 2006, p. 96). Portanto, compreende-se ser a memória histórica aberta a alterações, tendo em vista sua constituição se dar a partir da soma de lembranças de diferentes indivíduos.

Em oposição a isso, o autor atenta ainda para a teoria de Bergson e destaca a permanência do passado na memória, de forma inteira, no inconsciente do espírito. Segundo Halbwachs, uma representação histórica depende das imagens que projetamos para serem lembradas, isto é, mesmo que não seja possível reconstruir de forma completa uma lembrança, esta será reconstruída através da contribuição memorial de outros indivíduos. “Para que a memória dos outros venha assim a reforçar e completar a nossa, [...] é preciso que as lembranças desses grupos não

deixem de ter alguma relação com os acontecimentos que constituem meu passado” (HALBWACHS, 2006, p. 98).

De acordo com Halbwachs, no âmbito da memória histórica, “a nação está distanciada demais do indivíduo” (HALBWACHS, 2006, p. 99) e, por isso, a menos que um indivíduo tenha sido considerado um personagem histórico, os acontecimentos nacionais não são essenciais para a compreensão da memória coletiva. Uma vez que no decorrer do tempo surgem novos grupos e outros momentos significativos, é dada mais importância a lembranças desses grupos, estas que, por sua vez, resultarão numa memória histórica ou não. Sendo assim, o autor conclui que a memória coletiva não deve ser confundida com a memória histórica, dizendo que esta expressão “não é muito feliz” (HALBWACHS, 2006, p. 100). Ao destacar a história como o ponto final para a tradição, ou seja, como o testemunho escrito sobre a memória de um passado distante, o autor questiona:

Se a condição necessária para que exista a memória é que o sujeito que lembra, indivíduo ou grupo, tenha a sensação de que ela remonta as lembranças de um movimento contínuo, como poderia a história ser uma memória, se há uma interrupção entre sociedade que lê essa história e os grupos de testemunhas ou atores, outrora, de acontecimentos que nela são relatados? (HALBWACHS, 2006, p. 101).

Por essa perspectiva, Halbwachs distingue a memória coletiva da história de dois modos: 1) de que a memória coletiva é contínua, pois guarda o que ainda permanece vivo do passado, com significado dentro de determinado grupo, ocorrendo sucessão de gerações quando esse pensamento não mais interessar ou quando esse grupo não mais existir e 2) de que, enquanto existe um número significativo de memórias coletivas, só existe uma história, isto é, o conjunto de todas essas memórias dentro de um panorama geral que tenha significado para um grupo ainda maior, como a nação, por exemplo. “Toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço” (HALBWACHS, 2006, p. 106), enquanto que dentro de uma história universal há ocorrência de histórias parciais, de países que se distinguem por seus fatos históricos particulares; “a história dispõe os acontecimentos, contextos esses que permanecem exteriores aos grupos” (HALBWACHS, 2006, p. 107), posto que as memórias coletivas são múltiplas.

Em resumo, a memória, relacionada a aspectos históricos, sociais e culturais, colabora para a compreensão da realidade e da identidade de uma sociedade,

utilizando como ferramenta de registro a história. Halbwachs ressalta que, embora a memória individual tenha alguma importância, ela só terá sentido pleno dentro de um grupo; quando for ligada a outras memórias, ou seja, à memória coletiva, porém, é pela memória histórica que se farão conhecidas as transformações no tempo entre esses grupos. Ainda que essas memórias tenham traços semelhantes, é “no momento em que examina seu passado, [que] o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo” (HALBWACHS, 2006, p. 108). Nesse sentido, será abordada no próximo capítulo a questão identitária.

## 2 MEMÓRIA E PROCESSO IDENTITÁRIO NA LITERATURA

*A memória é sempre um factor de identidade.*

Eduardo Prado Coelho

*A memória não tanto produz, mas revela a identidade pessoal, ao nos mostrar a relação de causa e efeito existente entre nossas diferentes percepções.*

David Hume

Michael Pollak (1992), na conferência proferida ao CPDOC<sup>2</sup> em 1987, intitulada *Memória e identidade social*, traz para a problemática da memória a importância de pesquisas voltadas para histórias de vida e história oral com relação à construção identitária. Ao restringir seu estudo à história da França, o autor enfatiza a crescente “preocupação com os conceitos de identidade e de construção, na longa duração, de uma identidade nacional” (POLLAK, 1992, p. 200), expondo a importância do conhecimento de memórias individuais e coletivas a partir de entrevistas de histórias de vida para a compreensão e o estudo da história.

Segundo Pollak, “[...] há algumas designações, atribuídas a determinados períodos, que aludem diretamente a fatos de memória, muito mais do que a acontecimentos ou fatos históricos não trabalhados por memórias” (1992, p. 201), uma vez que determinados fatos históricos dizem respeito não a datas propriamente ditas, mas a momentos ligados diretamente ao modo como se vê a realidade, isto é, a “expressões [que] remetem mais a noções de memória” (1992, p. 201). Por essa perspectiva, o autor refere-se à teoria de Maurice Halbwachs e à questão da memória ser compreendida como um fenômeno, além de individual, como também de construção coletiva, tendo em vista se apresentar às vezes flutuante e mutável, às vezes invariante, observados os períodos da história de pequenos e grandes grupos. Desse modo, Pollak ressalta a ocorrência de “elementos irredutíveis” que provocam a consolidação da memória, apontando que “[...] determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 201), enquanto que ao conhecer vivências de outras pessoas, com experiências em comum, pode colaborar para uma mudança de ponto de vista sobre determinado acontecimento.

---

<sup>2</sup> Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

Ao abordar os elementos constitutivos da memória, Pollak aponta para os acontecimentos vividos individualmente e os vividos de forma indireta, estes compartilhados pelo coletivo e transmitidos pela memória entre gerações, de forma social, histórica e política, quando ocorrido “um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado” (POLLAK, 1992, p. 201).

Além de ressaltar a importância dos indivíduos para a formação da memória, Pollak expõe a existência de lugares da memória<sup>3</sup>, estes capazes de ligar pessoas a lembranças e a acontecimentos coletivos. “Locais muito longínquos, fora do espaço tempo da vida de uma pessoa, [que] podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte, da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1992, p. 202). A partir disso, é possível compreender o sentimento de pertencimento das gerações seguintes que não se encontram morando no mesmo local de origem de suas famílias, como, por exemplo, afrodescendentes com relação à memória e à herança ancestral africanas, sendo uma memória de projeção, adquirida através da transmissão da memória dos pais aos filhos.

Outro problema destacado por Pollak diz respeito aos “vestígios datados da memória”; acontecimentos diretamente ligados a uma data em especial. Para o autor, há acontecimentos cujas datas públicas, históricas, são imprecisas quando relacionadas à questão política. Em contraponto a isso, pode ocorrer de vivências relatadas por personagens públicas não abrangerem a vida privada. A esse respeito Pollak chama a atenção para os fenômenos de transferência, expondo que, com relação às datas públicas, determinado acontecimento terá relevância política e histórica, conforme cronologia oficial, e em outros casos será dada importância a outra data, conforme perspectiva da vida privada, sendo levados em consideração o significado e o sentimento de identificação do grupo com o acontecimento. Para melhor esclarecimento, a seguir utiliza-se o Brasil como exemplo de fenômeno de transferência.

---

<sup>3</sup> Expressão assinada por Pierre Nora no texto “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, publicado em 1984 na coleção *Les Lieux de Mémoire*. Segundo o historiador: “Os lugares da memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora [...] são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade” (NORA, 1993, p. 12-13).

Zilá Bernd, em *O que é negritude* (1988), traz a data da Abolição da Escravatura no Brasil como uma data para reflexão, posto que não corresponde a um momento verdadeiro de liberdade para o negro brasileiro, e que o Brasil foi o último país americano a proceder com a alforria de escravos, como provado nos samba-enredos do carnaval carioca no ano da abolição. Dessa forma, sendo o 13 de maio de 1888 uma data oficial, em que foi sancionada a Lei Áurea, compreende-se ser o 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, a data escolhida pela comunidade negra para celebrar e rememorar a efetiva libertação dos escravos. Tendo em vista esta data estar diretamente ligada à memória individual e coletiva de afro-brasileiros e da representação de Zumbi dos Palmares<sup>4</sup> (1655-1695) como símbolo de luta e de resistência à escravidão, entende-se que a assinatura da Princesa Isabel, ao decretar a Abolição da Escravatura, corresponderia a uma atribuição legal, mais ligada a fatores e interesses políticos que sociais.

Sobre esse tipo de relação de transferência, Pollak ressalta que há um “predomínio da memória sobre determinada cronologia política, ainda que esta última esteja mais fortemente investida pela retórica, até mesmo pela reconstrução historiográfica” (POLLAK, 1992, p. 203), por ser a memória um dos elementos principais para a reconstrução da história. Após refletir acerca dos fenômenos de projeção e de transferência relacionados à memória individual e coletiva, o autor caracteriza a memória como “seletiva”, devido à impossibilidade de total registro de acontecimentos, e por ser a memória “um fenômeno construído” (POLLAK, 1992, p. 204), como define a seguir:

A memória é, em parte, herdade, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que as datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo (POLLAK, 1992, p. 204).

---

<sup>4</sup> “[...] líder do mais famoso quilombo da história do Brasil, o Quilombo dos Palmares [...]. O dia 20 de novembro tornou-se o Dia Nacional da Consciência Negra em sua homenagem, pois nessa data ele foi morto por seus captores” em uma emboscada, em 1695 (MELO; BRAGA, 2010, p. 11).

Quanto a esse fator de organização da memória, voltada para o nacional, sendo ela construída a partir de lembranças individuais e sociais, Pollak enfatiza a relação direta entre memória e o “sentimento de identidade”. Para o autor, esse sentimento, num sentido amplo, diz respeito ao “sentido da imagem de si, para si e para os outros” (POLLAK, 1992, p. 204); um sentimento de pertencimento ao coletivo, de continuidade no tempo e “de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204).

Se de um lado tem-se a identidade como um conjunto de características que diferenciam um indivíduo ou um grupo de outro, e a memória individual opondo-se à memória de outros indivíduos, que podem estar inseridos ou não num mesmo grupo, é possível a ocorrência de conflitos entre indivíduos e até entre grupos sociais, por motivos particulares ou políticos quando considerados seus diferentes pontos de vista. Nesse sentido, Pollak apresenta a valorização de datas significativas para um grupo sendo transformadas em datas de importância nacional, ao ser “reconhecida a interpretação do passado de cada um e, logo, a sua memória específica” (POLLAK, 1992, p. 205). Com relação a isso o autor expõe a relevância do “trabalho de enquadramento da memória”; quando a história é tomada “como sendo em essência uma história nacional” (POLLAK, 1992, p. 206), por apresentar um caráter de unificação e de manutenção do coletivo. Ao final da discussão, Pollak introduz o conceito do “trabalho da própria memória em si”, que diz respeito à reorganização da memória coletiva pelo grupo em favor de uma identidade coletiva, demonstrando o crescente interesse nos estudos da memória relacionada à construção identitária.

Conforme demonstrado no capítulo anterior, é possível verificar um número significativo de autores que confirmam essa forte ligação entre memória e identidade. Sendo assim, atendo-se mais à questão da identidade no âmbito sociocultural, e por ser mostrar um problema constante em debates quanto ao sujeito na contemporaneidade, se faz necessário aqui discorrer sobre isso, com vistas a demonstrar como é levantada essa questão na literatura a partir de vestígios memoriais.

## 2.1 A QUESTÃO IDENTITÁRIA

Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2005), aponta um crescente surgimento de novas identidades devido a um processo de mudança do mundo social. A partir da possível existência de uma “crise de identidade”, o autor propõe discutir os conceitos de identidade, de indivíduo e de identidades culturais, bem como a noção de “descentração”, no que se refere aos diferentes grupos sócio-culturais e à fragmentação desses grupos. Para Hall (2005, p. 8), “as formulações deste livro são provisórias e abertas à contestação”, uma vez que o conceito de identidade “é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”.

Nesse sentido, o autor afirma que, a partir do final do século XX, começou a surgir uma “crise de identidade”, esta movida pelo deslocamento do sujeito em seu meio social e como indivíduo, ocasionando um processo de transformação social de identificação. Desse modo, o autor apresenta “três concepções de identidade”, perpassando entre o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O primeiro diz respeito a uma “concepção muito individualista do sujeito e de sua identidade”, onde “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (HALL, 2005, p. 11). O segundo, a uma noção de sujeito cuja “identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (2005, p. 11). Nesse ponto de vista, o interior se relaciona com o exterior, construindo uma identidade cultural mais unificada. O terceiro contempla uma identidade unificada e estável que passa a ser fragmentada e definida historicamente, posto que “nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2005, p. 13). Desse modo, ao contrário do que se imaginava, de que nascemos e morremos com uma única identidade, “somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2005, p. 13). Em contraponto a essa ideia, Hall arrola sobre o que seria a globalização e sua influência na constituição de uma identidade cultural.

Ao distinguir as concepções de tradicional e moderno, o autor afirma que: “as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2005, p. 14). Por isso, é indiscutível que a identidade possua caráter mutável, uma vez que as sociedades passam por processos de transformação ao longo do tempo. A partir do conceito de deslocamento de Ernest Laclau, Hall expõe que:

As sociedades da modernidade tardia [...] são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidade – para os indivíduos (2005, p. 17).

Desse modo, utilizando como exemplo os Estados Unidos e o julgamento de Clarence Thomas, Hall demonstra como o “jogo das identidades” influencia numa “política da diferença”. Thomas, juiz conservador negro, foi acusado de assediar sexualmente a ex-colega de trabalho e também negra, Anita Hill. Tal julgamento dividiu a sociedade em diferentes grupos de defesa e acusação, que se posicionaram conforme a questão identitária, quanto a gênero, raça, política e posição social. A respeito disso, Hall considera que “as identidades são contraditórias” (2005, p. 20) e coletivas, devido à possibilidade de uma identidade abranger tantas outras de forma representativa, ocorrendo deslocamentos entre elas.

“[...] As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais” (HALL, 2005, p. 25). Hoje, por meio da globalização, as sociedades se deparam com o multiculturalismo, ocasionando um fortalecimento das identidades locais e uma produção de novas identidades.

Perpassando entre estudos como os de Raymond Williams, de que o indivíduo na história moderna era “indivisível” e “singular”, Descartes e o “sujeito racional, pensante e consciente”, até John Locke e o conceito de um “indivíduo soberano”, Stuart Hall aponta um descentramento do sujeito iluminista como consequência do capitalismo moderno, conforme trabalhos de Marx, Freud, Saussure e Foucault, e os impactos de movimentos sociais de afirmação identitária emergentes nos anos sessenta, como o feminismo. Para o autor, as sociedades “adquiriram uma forma

mais coletiva e social” (HALL, 2005, p. 29), em que o indivíduo passou a ser constituído a partir do olhar do outro. Assim, o autor propõe que:

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros* (HALL, 2005, p. 39).

Hall afirma que a partir desse novo sujeito fragmentado se faz importante refletir sobre uma identidade nacional, esta tomada como um sistema de representação cultural do que se compreende por nação, de forma metafórica, como um sentimento de pertença a uma grande comunidade: “As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião, e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura *nacional*” (HALL, 2005, p. 49, grifo do autor). Segundo o autor, uma identidade nacional é constituída por uma comunidade política, gerenciada por indivíduos, e outra cultural, composta por um sistema de símbolos e instituições, como, por exemplo, língua, história, religião, tradição, limites geográficos etc., proporcionando uma ideia de homogeneidade.

Levando em consideração a impossibilidade de uma identidade nacional homogênea, cuja unificação seria forjada em oposição às diferenças entre indivíduos de uma mesma comunidade, Hall, apoiado em Benedict Anderson, define a identidade nacional como uma “comunidade imaginada”. Nesse sentido, o autor aponta cinco aspectos de como a narrativa da cultura nacional é descrita: 1) a partir do compartilhamento da história e de experiências vividas entre gerações; 2) com ênfase nas origens, desconsiderando o caráter mutável social; 3) a partir de tradições inventadas; 4) através da necessidade de um mito fundador e da perda de referências quanto à origem da nação; e 5) pela ambiguidade no discurso construído no passado, no qual o presente se apoia.

Com base nisso, Hall desconstrói a ideia de uma cultura nacional unificada, tendo em vista a diversidade presente numa mesma comunidade nacional, por abranger diferentes classes sociais, grupos étnicos e de gênero, com características culturais heterogêneas, enfatizando que “as nações modernas são, todas, híbridos

*culturais*” (HALL, 2005, p. 62, grifos do autor), sendo quase impossível ocorrer tal unificação em torno de uma ou outra característica específica. Portanto, o autor observa que:

[...] As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdade e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade (HALL, 2005, p. 65).

Com a ocorrência desse deslocamento das identidades nacionais, “[...] as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornando mais importantes” (HALL, 2005, p. 73). Como consequência, tanto a ideia de identidade quanto de unificação da cultura nacional são questionadas, sendo considerada a globalização como fator de ameaça à homogeneização.

Conforme apontado anteriormente, fatores como a globalização fizeram com que a identidade do sujeito pós-moderno tenha sido posta em discussão. Com relação a isso, Hall elenca três fatores importantes: a) de que o “‘local’ não deve [...] ser confundido com velhas identidades” (2005, p. 78) ou ser substituído pelo global, mas que tanto um quanto outro possibilitam uma abertura para novas identificações; b) uma distribuição desigual da globalização, a chamada “geometria do poder”; e c) um desequilíbrio social provocado por essas relações de desigualdade, resultando na “formação de ‘enclaves’ étnicos minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente” e “uma ‘pluralização’ de culturas nacionais e de identidades nacionais” (HALL 2005, p. 83).

Tomando como exemplo a Grã-Bretanha, Hall questiona a situação das identidades na contemporaneidade, indicando outras possíveis consequências da globalização, como, por exemplo, a “forte reação defensiva” de grupos dominantes frente às culturas minoritárias, ao que ele chama de “racismo cultural”. Desse modo, o autor discorre sobre a inclusão de uma re-identificação dos grupos com suas culturas de origem.

Em contraponto a esse fortalecimento das identidades locais, que recorrem à recuperação da tradição perdida como forma de identificação, Hall, amparado nos estudos de Homi Bhabha e Robins, estabelece um eixo de equilavência entre a tradição e a tradução. Nesse sentido, a tradução seria a forma possível de

reencontro com a origem dessas culturas, que transportaram fronteiras e que se viram em contato com a diversidade cultural, resultando em culturas híbridas constituídas por diferentes tipos de identidade, conforme observa Zilá Bernd:

Culturas híbridas são, na nossa concepção, aquelas em que a tensão entre elementos díspares gera novos objetos culturais que correspondem a tentativas de tradução ou de inscrição subversiva da cultura de origem em uma outra cultura. Não se trata, portanto, de assimilações forçadas ou de funções, nem tampouco de mestiçagens com tendências à homogeneização, mas de modos culturais que, oriundos de um determinado contexto de origem, se recombinaem com outros de origem diversa, configurando novas práticas (BERND, 2003, p. 75).

Quanto a esse hibridismo cultural, há ainda outro problema: “o ressurgimento do nacionalismo na Europa Oriental e o crescimento do fundamentalismo” (HALL, 2005, p. 92). Conforme o Hall, há “[...] novos aspirantes ao *status* de ‘nação’ [que] tentam construir estados que sejam unificados tanto em termos étnicos quanto religiosos, e criar entidades políticas em torno de identidades culturais homogêneas. O problema é que elas contêm, dentro de suas ‘fronteiras’, minorias que se identificam com culturas diferentes” (HALL, 2005, p. 93-94, grifos do autor). Ocorre, então, um descentramento identitário desses grupos dentro da ideia de unificação.

Quanto a essa questão do nacionalismo e do grande número possível de identificação de grupos com outros, Zilá Bernd, em *Literatura e identidade nacional*, define a origem do termo identidade como um “conceito operatório de larga utilização em ciências humanas, sobretudo a partir dos anos 60, quando se passa do conceito de identidade individual ao de identidade cultural (coletiva)” (2003, p. 15). A autora expõe que o termo passou a ser utilizado pelos estudos literários a partir do estudo das literaturas de grupos discriminados, como negros, mulheres e homossexuais, afirmando que “o discurso literário produzido [por essas literaturas, frente a uma tomada de consciência de sua situação] é marcado pelo desaparecimento do ‘eu’ individual em favor de um ‘nós’ coletivo” (BERND, 2003, p. 16).

Bernd traz o emprego do termo identidade conforme Claude Lévi-Strauss, em que a identidade é vista como “entidade abstrata [que] não possui referente empírico” (BERND, 2003, p. 16) (*identidade de primeiro grau*). Nessa perspectiva, a autora salienta a relação de identidade com alteridade, uma vez que, por ser abstrata, toda identidade depende não só de características específicas que tornam

único um indivíduo, como também de referências coletivas que indiquem determinado(s) grupo(s) ao(s) qual/quais cada indivíduo pertence. Sendo assim, a identidade possui extensão de caráter externo (*identidade de segundo grau*), pois é apreendida como “uma entidade que se constrói simbolicamente no próprio processo de sua determinação. A consciência de si torna sua forma na tensão entre o olhar sobre si próprio – visão do espelho, incompleta – e o olhar do outro ou do outro de si mesmo – visão complementar” (BERND, 2003, p. 17, grifos da autora). Portanto, a identidade se constitui pelo caráter interno quando relacionado ao que for exterior a cada indivíduo, isto é, quando observadas as diferenças e semelhanças interpessoais e entre determinados grupos.

A respeito da identidade coletiva, Bernd aponta ser um conceito plural, posto que “identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos de sua história se justapõem para constituir um mosaico. As partes se organizam para formar um todo” (2003, p. 17). Desse modo, a autora aponta como exemplo escritoras afro-brasileiras, por pertencerem a três tipos de grupo: gênero, etnia e nacionalidade, sendo os dois primeiros muitas vezes colocados à margem da sociedade.

Tendo em vista as armadilhas que o conceito de identidade possa trazer quanto à busca identitária tornar-se etnocêntrica, a partir da ideia de Felix Guattari sobre minorias, Bernd afirma que “a busca identitária pode, pois, funcionar de duas diferentes maneiras”: como *sistema de vasos estanques (primeiro grau)* e como *processo (segundo grau)*, utilizando em seu livro o segundo conceito, ao refletir sobre identidade “no contexto colonial e pós-colonial, propondo abordar a questão como um *processo contínuo de identificação*” (BERND, 2003, p. 21, grifos da autora).

A partir da noção de “Tout-Monde” (“Todo-Mundo”) de Édouard Glissant, que diz respeito ao fanatismo identitário de alguns grupos, dentro de um processo de afirmação oposto a uma situação de exclusão ou anulação frente ao colonizador, e das *Lições de filosofia da história universal* de Hegel, Bernd utiliza como exemplo textos compostos pela visão do europeu ao descobrir as Américas. Assim, discute sobre a forma como o colonizador negou aos povos autótones o acesso à razão, ao recusarem o reconhecimento de uma alteridade e, conseqüentemente, a tomada de consciência de si e de sua liberdade, expondo que:

“[...] a construção identitária, assim como a história literária, [...] é marcada, de um lado, pela realização do trabalho do luto da origem e, de outro, pela tentativa de reinvenção de outras matrizes identitárias e culturais através das quais haverá reapropriação da nossa condição de sujeitos da história e da cultura” (BERND, 2003, p. 24).

Dessa maneira, Bernd, pela perspectiva de Stuart Hall, enfatiza a substituição do termo identidade por identificação. Para a autora, devido ao fato de a identidade possuir um caráter inacabado, a ideia de identificação seria mais vantajosa, por transmitir uma noção de movimento e continuidade. Com isso, num primeiro momento, o sentimento de desenraizamento<sup>5</sup>, raiz única, toma à frente, como forma de construção identitária dos povos vitimizados pelo colonizador, vindo a surgir manifestações de ação afirmativa. Num segundo momento, pela impossibilidade de existir uma pureza original, isto é, de existir uma comunidade fechada em si e sem contato com o outro, Bernd apresenta a proposta de Glissant quanto a um fortalecimento de uma identidade que aceita o outro; a existência de uma raiz múltipla<sup>6</sup>. Neste conceito, o processo de busca identitária se faz de acordo com a revalorização de práticas ancestrais, antes da vinda do colonizador, que são recuperadas, dialogando e respeitando a identidade do outro.

Em adição a esses dois tipos de raiz, outro novo aspecto é dado à questão identitária, o enraizamento dinâmico, que propõe o emprego do plural com relação à identidade, uma vez que as identidades constituem-se “na tensão entre o apelo do enraizamento e a tentação da errância” (BERND, 2003, p. 27), levando em consideração as interferências entre uma identidade e outra. Vale ressaltar também o aspecto nômade entre colonizador e povos autóctones. A isso, Bernd destaca o *nomadismo invasor* (do colonizador) e o *nomadismo circular* (do colonizado), discutindo esses processos de movência com relação à busca e afirmação identitária, onde memória e escritura passam a ser elementos que colaboram para a reconstrução histórica desses povos. A essa problemática identitária, a autora, baseada em Franz Fanon e Homi Bhabha, defende que o binarismo branco/negro, colonizador/colonizado, homem/mulher é edificado com fixidez e exclusão, não correspondendo ao hibridismo cultural presente nas sociedades, uma vez que a

---

<sup>5</sup> “[...] construção identitária elaborada como revide ao desprezo de que foi vítima, durante séculos, o colonizado” (BERND, 2003, p. 25).

<sup>6</sup> Identidade pensada “[...] não como o fortalecimento de uma raiz única, mas como rizoma, ou seja, a raiz multiplicada que se abre em busca do outro, aceitando o múltiplo e o diverso como base da (re)elaboração identitária” (BERND, 2003, p. 26).

identidade social não é propriamente homogênea, e que por isso precisa estar aberta para um novo debate dessas relações nos entre-lugares.

De acordo com Homi Bhabha, “esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (1998, p. 20). Dessa forma, a partir de processos de transformação do sujeito dentro e fora de diferentes grupos sociais, cria-se um novo conceito de identidade, e passa-se então a refletir sobre a forma como esses grupos se identificam.

Dentre os muitos elementos que possibilitam a tomada de consciência de uma identidade, a memória é fundamental, pois é parte da construção do ser humano como indivíduo autêntico a partir de lembranças de si e de determinado grupo com o qual se identifique por possuírem atributos distintos e ou semelhantes. A exemplo desse processo de busca, construção e afirmação identitária pela memória, tem-se a literatura afro-brasileira como objeto de discussão a seguir.

## 2.2 MEMÓRIA IDENTITÁRIA E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Com a saída involuntária de negros da África para países da Europa e da América durante o período colonial e pós-colonial, uma das maneiras de preservar a cultura africana se deu por meio da memória, que passou a ser transmitida de geração para geração por meio da tradição oral. Como se sabe, pela história oficial, o negro sempre foi desvalorizado e visto como um ser inferior, sendo explorado e discriminado, resultando em apagamentos significativos de suas origens africanas. Em oposição a isso, a tomada de consciência da situação de existência do negro perante a sociedade dá início ao processo de busca e afirmação identitária do negro, conhecido como Negritude.

Ao desconstruir o estereótipo do negro quanto à questão de inferioridade, por sua cultura e raça, Zilá Bernd, na já mencionada obra *O que é negritude* (1988), aponta a crise de identidade do negro e o movimento da Negritude como resultados do preconceito, da discriminação e do racismo. De acordo com a autora, por ser

uma palavra polissêmica, “negritude” possui diferentes significados. Nas palavras da autora, baseada no artigo de Lylian Kesteloot, publicado em 1973, o significado de “negritude” remete-se “ao fato de se pertencer à raça negra”; “à própria raça enquanto coletividade”; “à consciência e à reivindicação do homem negro civilizado”; “à característica de um estilo artístico ou literário”; e “ao conjunto de valores da civilização africana” (BERND, 1988b, p. 14-15).

Sendo um conceito francês, o conceito de Negritude aparece em meados dos anos 30, batizado em 1939 por Aimé Césaire em seu poema intitulado “*Cahier d’un retour au pays natal*” (“Diário de um retorno ao país natal”). No Brasil só aparece pela primeira vez em 1975, compondo o dicionário *Novo Aurélio*, mas já apresentando problemas conceituais, por indicar ser um conceito a ser superado. Vale ressaltar que, derivada de *nègre*, (palavra usada com tom negativo para se referir a negro, por existir também a palavra *noir*), *négritude* faz uso do termo pejorativo empregando-o como algo positivo, como forma de “resistência à política de assimilação”. Esta caracterizada pelos processos de desculturação (perda da cultura de origem) e a aculturação (assimilação da cultura europeia).

Para Césaire (apud BERND, 1988b, p. 18), a negritude é “uma tomada de consciência concreta” em que se deve rejeitar a assimilação, correspondendo essa rejeição a um processo de neoculturação, ou seja, uma revalorização da cultura e da ancestralidade africanas. Dessa forma, Bernd aponta dois sentidos de negritude: um com letra minúscula, que corresponderia a essa tomada de consciência, e outro com letra maiúscula, ao movimento, à identidade e ao sentido positivo da palavra negro.

Assim, o movimento da Negritude fez com que o pensamento e as ações do negro perante a sociedade mudassem a partir do séc. XIX, aparecendo textos representativos quanto à temática racial. No Brasil, já no período pré-abolicionista, Luís Gama (1830-1882) e Castro Alves (1847-1871) tiveram papel significativo ao trazerem para a literatura o discurso sobre a escravidão e a causa negra. O primeiro, escravo alforriado, como fundador da tomada de consciência do ponto de vista não tradicional, isto é, do negro, subverteu a ordem habitual através da paródia, ao tratar do cenário sócio-político brasileiro. O segundo, também conhecido como “o poeta dos escravos”, retratou com afincos o momento histórico pré-abolição, portando-se em favor do negro e de sua libertação.

Pela primeira vez na literatura brasileira, o negro é representado além do estereótipo, sendo demarcada uma subjetividade coletiva, além de individual, cuja consciência racial atacava diretamente o sistema de ideias da brancura vigente até então (BERND, 1988a). Do mesmo período, Maria Firmina dos Reis (1825-1917), autora do Hino da Abolição dos Escravos, só reconhecida recentemente no panorama nacional, produziu importante obra sobre a temática do negro brasileiro, o romance *Úrsula* (1859), tornando-se a primeira escritora negra na literatura afro-brasileira (BERND, SOUZA; CORRÊA JUNIOR, 2011).

Dando seguimento a esse período, Jorge de Lima (1893-1952), Cruz e Souza (1861-1898) e Lino Guedes (1906-1951) fazem coro a esses escritores quanto à situação marginalizada do negro na sociedade, discorrendo sobre as mudanças no cenário político brasileiro, a busca por inserção social, igualdade e democracia racial, preconceito e discriminação. Desse período pós-abolicionista, cabe ressaltar Lino Guedes como a origem da rememoração da história e da busca e afirmação identitária do negro no Brasil no discurso poético afro-brasileiro, uma vez que a história da comunidade negra se encontrava oficialmente apagada nesse tempo (BERND, 1988a; BERND, SOUZA; CORRÊA JUNIOR, 2011). Sendo assim, Luís Gama, Castro Alves, Maria Firmina dos Reis, Jorge de Lima, Cruz e Souza, e Lino Guedes tornaram-se os grandes precursores da literatura afro-brasileira.

Em meados de 1970, movimentos de ações afirmativas e de valorização da cultura negra, como os grupos Quilombhoje (SP) e Negrícia (RJ), compostos por afrodescendentes e simpatizantes com a luta contra a discriminação do negro no panorama local e global, como, por exemplo, a luta por independência nas ex-colônias portuguesas, intensificou ainda mais o sentimento de uma identidade negra no Brasil. Esses movimentos, além de militantes em ações político-culturais, possibilitaram a manifestação artística do negro como personagem principal no cenário cultural, com a criação do Teatro Experimental do Negro e do Teatro Popular Brasileiro, e na literatura a série *Cadernos negros* (1978). Série esta constituída por uma escrita de resgate de memória, com temas como ancestralidade, tradição, religiosidade, preservação cultural, reafirmação étnica e identitária, além de denúncia contra o drama da marginalidade do negro na sociedade brasileira e as diferentes formas de preconceito.

A partir dessas publicações, do movimento negro e da criação desses grupos, ao longo dos anos 1980, trabalhos como os de Moema Parente Augel, Zilá Bernd, Domício Proença Filho, Oliveira Silveira, Oswaldo de Camargo, Luiza Lobo e Leda Maria Martins se dedicaram ao resgate dessa escrita afrodescendente, por um viés diferente dos trabalhos precedentes de Sílvio Romero, Arthur Ramos, Gilberto Freyre, Henrique L. Alves, Edison Carneiro entre outros (DUARTE, 2007). Nesse momento passa-se então a discutir o que viria a ser especificamente a literatura afro-brasileira, também chamada de literatura negra, negro-brasileira ou afrodescendente<sup>7</sup>. Segundo Eduardo de Assis Duarte, é um

[...] conceito em construção, processo e devir. Além de segmento ou linhagem, é componente de amplo encadeamento discursivo. Ao mesmo tempo dentro e fora da Literatura Brasileira. Constitui-se a partir de textos que apresentam temas, autores, linguagens mas, sobretudo, um ponto de vista culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. Sua presença implica re-direcionamentos recepcionais e suplementos de sentido à história literária canônica.<sup>8</sup>

É uma literatura que “se consagra na heterogeneidade da representação do mundo negro, na autonomia dessa escrita que fala como cultura, história, mito e simbologia dos ‘tambores’ negros e sua ancestralidade”, permitindo “a ultrapassagem das fronteiras entre o passado e o presente na construção de identidades futuras” (FERREIRA, 2011, p. 68). É, portanto, uma das muitas vertentes da literatura brasileira, que se diferencia de outras a partir de alguns aspectos. Nesse sentido, tem-se o negro como tema principal. Esse entendido não só como indivíduo, mas como sujeito histórico, que aparece como o sujeito enunciativo. Desse modo, seu conceito “[...] não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um *eu* enunciador que se quer negro” (BERND, 1988a, p. 22).

Da mesma opinião desses autores, Maria do Rosário Alves Pereira (2011, p. 138) aponta que:

<sup>7</sup> Embora na atualidade existam discussões e discordâncias a respeito da melhor nomenclatura a ser utilizada para definir esse tipo de literatura, por motivos étnicos e político-ideológicos, e por esses termos estarem presentes em títulos de antologias e obras teórico-críticas consultadas, publicadas entre 1980 e 2013, esses são tomados no presente trabalho como sinônimos.

<sup>8</sup> *Literafro – Portal da Literatura afro-brasileira*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro>>.

A conceituação da literatura afro-brasileira não passa necessariamente pelo atrelamento do escritor de pele negra, ou seja, por critérios de raça. No entanto, é pertinente ressaltar que o sujeito que experimenta as limitações e contingências impostas pela cor da pele produzirá uma literatura mais afim com as questões de sua própria raça do que um observador externo, ou seja, este sujeito escreve a partir de um *ponto de vista interno* à obra, reflexo de um sujeito centrado em sua problemática.

Por esse aspecto, o negro é o sujeito que dá voz ao seu sentimento no texto, expondo seu ponto de vista individual, representando um coletivo, fazendo presente vozes expressadas por ritmos e significantes novos, com vocabulário próprio associado à oralidade vinda da África para o Brasil. Portanto, dentre muitas questões abordadas, a pertença de uma africanidade brasileira, em que se valoriza a tradição, a religiosidade, a cultura, a memória e a ancestralidade é recorrente.

Outra característica marcante da literatura afro-brasileira é a questão da autoria, cujo discurso emerge como “*tradução textual* de uma história própria ou coletiva” (DUARTE, 2010, p. 127). Vale ressaltar que, embora alguns críticos só considerem como autor aquele que seja efetivamente negro (CUTI, 2010), outros apoiam como mais importante para análise textual aquele que se afirma e se identifica no texto como pertencente ao grupo étnico (DUARTE, 2010, BERND, 1988a; BERND, SOUZA; CORRÊA JUNIOR, 2011), pois se acredita que, independentemente dessa questão de cor, são o ponto de vista, a temática, a linguagem, o imaginário e outras características que tornarão o texto parte dessa literatura ou não.

Eduardo de Assis Duarte destaca ainda mais uma característica a ser ponderada, a do público. Conforme o autor, essa literatura é destinada ao público negro e à sociedade em geral, cujo objetivo principal é a conscientização e a reflexão a respeito dos dramas do negro na diáspora enfrentados no passado e na atualidade, propondo assim um diálogo quanto à discriminação racial e social, ao preconceito e ao racismo (DUARTE, 2010, p. 127).

Por se tratar de uma literatura de produção marginal dentro do sistema literário hegemônico, quanto ao consumo e à má distribuição ao público, na década de 1980, com os movimentos de ações identitárias, autores negros passam a ser ouvidos em saraus e eventos promovidos pelo movimento negro. Devido a condições financeiras precárias de publicação, a série *Cadernos negros* teve função significativa na

divulgação dessa produção através do esquema cooperativo, uma vez que, na literatura brasileira não havia lugar nas editoras para esses autores, ocorrendo de muitos publicarem livros auto-financiados, ou seja, com edição do autor, como ainda é visto atualmente (SILVA, 2011). Em consequência disso, houve certa predominância da poesia sobre o conto e o romance na produção e publicação dessa literatura.

Salienta-se que a poesia lírica é caracterizada na pós-modernidade por apresentar não só fatos, mas como os fatos refletem o pensamento humano, passando da tomada de consciência subjetiva à demonstração de aspectos gerais de um povo. Esse cenário surge como consequência de realidades já conhecidas, tendo em vista a transição de dado momento histórico para outro, a partir de movimentos ou tendências estéticas em tempos variados, vinculando assim o fazer poético a diferentes características filosóficas e estéticas promovidas pela libertação artística absoluta do artista, de modo que sujeito e objeto confundem-se “sob um signo de uma obscuridade cada vez mais intensa” (AMARAL, 1991, p. 26).

A esse respeito, compreende-se que a poesia afro-brasileira, além de exprimir a interioridade individual, está diretamente ligada à representatividade de um coletivo, uma vez que o eu-lírico se posiciona muitas vezes como um *nós*, vindo a traduzir os sentimentos compartilhados pelo grupo com relação ao passado histórico e à realidade presente como forma de identificação. Desse modo, é perceptível a ocorrência de duas “tendências [identitárias] distintas que se entrecruzam e convivem no âmbito da poética de um mesmo autor” (BERND, SOUZA; CORRÊA JUNIOR, 2011, p. 24): a do enraizamento identitário, ou raiz única, e a do enraizamento dinâmico e relacional, ou raiz múltipla. Conforme exposto no início deste capítulo, a primeira restringe-se à “recuperação de resíduos memoriais”, construindo uma identidade redutora, enquanto que a segunda contempla as diferentes alteridades, aceitando e dialogando com o outro.

Nesse sentido, tem-se na contemporaneidade pelo menos três tipos de consciência expressa nessa poesia. A consciência resistente, que manipula a cultura africana ainda viva no Brasil mesmo na presença de outras culturas; a consciência dilacerada, que se divide entre o querer dominar a técnica literária do branco ao mesmo tempo em que se volta às origens. E a consciência trágica, que, através de um “efeito catártico”, demonstra todo tipo de amargura do negro na “intenção de

envolver o leitor no processo de purgação destes sentimentos” (BERND; SOUZA; CORRÊA JUNIOR, 2011, p. 110).

Cabe destacar aqui, a presença crescente de vozes femininas na literatura afro-brasileira. Tendo a mulher sofrido durante séculos discriminação de gênero, a ela foi negado o direito à educação e, conseqüentemente, sua entrada no mercado de trabalho. Com o aparecimento do Feminismo, as mulheres adquiriam o direito ao voto, à sua autonomia e à integridade de seu corpo, entretanto, frente à disparidade entre classes sociais e ao racismo, a mulher negra foi colocada em posição desigual quanto à mulher branca pela questão da cor (BERND; SOUZA; CORRÊA JUNIOR, 2011).

Como resultado, tem-se na poesia afro-brasileira feminina uma escrita de memória e esquecimento, em que a mulher negra assume dupla afirmação identitária, de gênero e raça, expondo experiências e ensinamentos adquiridos no meio familiar e social, resgatando, assim, tradição, herança, cultura e ancestralidade africanas ao evocar a memória individual, coletiva e histórica, elementos esses essenciais para construção de sua identidade. A exemplo dessa poesia, nos capítulos que seguem é apresentada e analisada a poética de Ana Cruz e Conceição Evaristo.

### 3 ANA CRUZ: ENTRE HERANÇAS E MILITÂNCIAS

*A memória é a consciência inserida no tempo.*  
Fernando Pessoa

Natural de Visconde do Rio Branco, zona rural de Minas Gerais, Ana Maria da Cruz nasce em 20 de agosto de 1968. Conclui seus primeiros cinco anos de estudos em escola pública da cidade. Aos onze anos, vence concurso literário, tendo seu texto publicado em jornal local da cidade.

De uma família de quatro irmãos, migra da zona rural para a zona urbana em 1972, onde passa a ter contato mais direto com a discriminação social e o preconceito racial. Sendo afro-brasileira, de origem banta, e também descendente indígena da parte paterna, Ana Cruz afirma que os momentos em que viveu na zona rural foram muito marcantes em sua vida, pois estão “associados aos sentimentos de liberdade [e] do contato direto com a natureza”<sup>9</sup>.

Em meados de 1981, Cruz muda-se para a cidade de Volta Redonda, Rio de Janeiro, e já na adolescência inicia sua militância, vindo a participar de movimentos sociais como a Pastoral Operária e o movimento negro, neste como sindicalista e militante partidária. Nas palavras da escritora: “foi um grande momento e também a minha salvação. Salvação, pois o processo de imigração é muito violento. Eu perdi literalmente o meu chão e o meu foco; nada naquele lugar pulsava em mim, nada me mobilizava. Eu não pertencia àquele lugar”<sup>10</sup>.

Já estabilizada em Niterói, Rio de Janeiro, conclui o curso de Jornalismo, iniciando sua carreira literária em 1997, com a publicação de *E... feito de luz*, reeditado em 2006. Em 1998, lança o jornal *De Mina*. Este constituído por crítica literária e poemas de vários autores. Nos anos seguintes publica mais três obras; *Com o perdão da palavra* (1999), *Mulheres Q'Rezam* (2001) e *Guardados da memória* (2008).

Ao ser questionada<sup>11</sup> sobre quando e como surgiu sua vontade por escrever e sobre seu contato com a literatura, Ana Cruz afirma que sempre teve vontade de escrever desde a infância, que gostava muito de Machado de Assis e Clarice

---

<sup>9</sup> Vide ANEXO B.

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> Ibidem.

Lispector e que, como profissional especializada em Economia Política, teve influência das ideias marxistas ligadas ao seu trabalho.

Em consequência de sua formação acadêmica e de sua participação em cursos livres sobre História da África, Ana Cruz passa a se dedicar a projetos de busca e afirmação identitária, realizando seminários sobre a temática com ênfase em discussões sobre gênero e etnia no cenário social, como, por exemplo, o Projeto Literário Mulheres Bantas.

O projeto Mulheres nasceu da necessidade de fazer o debate em torno da efetiva participação das mulheres negras na construção sócio-econômica e cultural do país, da mesma maneira trazer para ordem do dia o debate do empoderamento e da visibilidade. Mulher Negra Mostre sua Cara, é uma palavra de ordem que vem numa perspectiva de fazer com que as mulheres negras saiam desse lugar escondido que o racismo todos os dias nos impõem através das mídias, dos olhares atravessados, nos lugares públicos. Essas são atitudes que comprometem a autoestima das mulheres e das meninas negras.<sup>12</sup>

Nesse sentido, a respeito da situação da literatura afro-brasileira na atualidade, a autora enfatiza ser “uma forma justa de colocar a cultura e os saberes da população negra na condição precursora na construção da identidade dessa nação”<sup>13</sup>, afirmando que é a partir da literatura que a história é contextualizada, por se mostrar muito rica ao dar voz ao silenciamento emergente do racismo firmado no Brasil através da violência e do trabalho escravo. Cruz defende que “a literatura negra tem hoje papel importante na reconstrução do [...] sentimento de pertença [e], conseqüentemente, na reconstrução da identidade”<sup>14</sup>, sendo história e cultura africanas fatores determinantes que colaboraram para a construção identitária brasileira, indicando que “houve avanços no sentido de dar visibilidade às obras literárias dos antigos e novos escritores”, observando que a elite literária ainda os ignora.

É nesse cenário que a autora está inserida, como representante da vertente mais contemporânea da literatura afro-brasileira. Tendo começado a publicar no final da década de 1990, Ana Cruz demonstra em sua poesia o amor pela cultura e os costumes africanos através de sua história de vida, relatada em momentos de autoconhecimento, amor ao próximo e a si mesma. Através de sua linguagem é

---

<sup>12</sup> Vide ANEXO B.

<sup>13</sup> Ibidem.

<sup>14</sup> Ibidem.

permitido entender seu objetivo ao declarar o desejo de que as gerações futuras tenham tanto orgulho de sua ancestralidade negra quanto ela, enfatizando a importância de preservar a memória nos dias de hoje. De uma escrita sensível em sintonia com sua espiritualidade, ressalta a importância da identidade a partir de sua mineiridade e de sua descendência africana e indígena evocadas pela memória.<sup>15</sup>

Desse modo, é a partir dos dados aqui apresentados e com base nos autores teóricos elucidados nos capítulos anteriores deste estudo, que se buscará analisar sua última obra poética publicada até o momento, *Guardados da memória*.

Publicado no ano de 2008 em Niterói, Rio de Janeiro, com edição da própria autora, *Guardados da memória* traz temas significativos para o estudo da memória identitária do negro no Brasil. Constituída por poesia e prosa poética, com um total de trinta e sete títulos, a obra traz a busca pela afirmação identitária como um dos temas mais presentes, onde convida o leitor a pensar sobre situações como preconceito de gênero e raça vividos pela sociedade, que mantém ainda nos dias de hoje o caráter de desigualdade social muito forte, bem como “questões relacionadas [...] à mulher contemporânea em busca de seu espaço” (DUARTE, 2010, p. 53).

A obra se encontra separada em duas partes. A primeira, composta por trinta textos, discute temas como história, memória, identidade, ancestralidade, tradição, religiosidade, escravidão, resistência e desigualdade social, aparecendo também questões como amor, sexualidade e maternidade, essas apresentadas pelo ponto de vista feminino, como nos poemas “Deus responde”, “Complicado é mulher”, “Senhora das Águas”, “Magníficas”, “Simples”, “Busca”, “Desejo” e “Madura”, e nos contos “Ecônoma”, “Um tempo”, “Quem tira o pecado do mundo”, “Compreendendo a multiplicação”, “Piedade, Santa Bárbara”, “Conceber”, “Sólida” e “O que, quié, quié, que isso!”. A segunda, com sete poemas, traz como tema principal a mulher, relacionada à busca por autoconhecimento e compreensão sobre diferentes sensações provocadas pelo amor, pela dor, pelas perdas e pelas incertezas do passado, do presente e do futuro, como nos poemas “Poderosa”, “Livre”, “Compreensão”, “Holística”, “Refeita” e “Sentido”.

---

<sup>15</sup> In: BERND, SOUZA, CORRÊA JUNIOR, 2011, p. 192; texto de autoria própria modificado.

É interessante observar que a epígrafe que divide a obra faz menção a um passado não muito distante, agindo como um divisor temporal, que liga o passado ao presente, sendo evocada a memória de infância.

*Os dias eram seguros enternecidos  
com ela andando às pressas pelo terreiro.  
Com suas saias tão temidas, mandando em todos.  
Revirando os grãos de café na soleira da tarde.  
Mexendo os doces tachos, espantando meninos.  
Abrindo caminhos para nossa infância passar sossegada (CRUZ, 2008, p. 81).*

Nesse contexto, a mulher é demonstrada como exercendo papel significativo na constituição familiar, cumprindo com o dever do sustento e da educação das gerações futuras. Assim, é através do trabalho exercido dessa mulher, “revirando os grãos de café na soleira da tarde” ou “mexendo doces tachos” que é oferecida a possibilidade de uma infância tranquila e segura aos seus descendentes, vindo a indicar a abertura para futuro melhor, livre de preocupações e medos, simbolizando, assim, uma realidade oposta aos tempos de servidão.

A obra inicia com o poema “Raízes” (CRUZ, 2008, p. 9), onde Ana Cruz indica esse contato com o meio familiar e discorre sobre a importância da ancestralidade.

### **Raízes**

Pode não parecer, mas eu tenho uma história.  
Uma casa com alicerces profundos, paredes flexíveis.  
No quintal uma mina d’água na sombra de um jequitibá  
Lugar, onde crescemos e nos firmamos eu e antepassados  
reverenciado na alegria e na tristeza.  
Ponto de redenção para o qual inevitavelmente sempre serei  
chamada.  
A aprender suportar o dóido processo de transformação do  
tecido.  
E com o corpo totalmente exposto tear a nova pele.  
Pode não parecer, mas eu tenho uma história completa com  
bases profundas  
e paredes flexíveis  
Solidificando a herança, uma mina d’água na sombra de um  
jequitibá.  
Toda cercada de saias, saiotes  
Galinha-d’angola,  
Quilombolas

Nesse poema, através da exposição da memória e da tradição, a autora afirma sua pertença a uma história com raízes profundas, representadas por “alicerces”, “bases”, “antepassados” e “herança”, apresentando também a dualidade

passado/presente, posto que, ao mesmo tempo em que é retomado o passado pela história, a expressão “paredes flexíveis” demonstra a possibilidade para o novo, isto é, de adaptar-se a outra realidade. Nesse caso, compreende-se “o doído processo de transformação do tecido” e “tear a nova pele” como a situação do negro na sociedade, tendo em vista que, após a abolição, ex-escravos foram submetidos à condição de marginais na sociedade, continuando a serem explorados e discriminados por sua cor, vindo a tomar consciência dessa situação e buscar melhores condições de vida.

A questão do culto à tradição e a importância da família na cultura africana se torna perceptível quando mencionados o quintal e a mina d’água cercada de saias, saiotas, e galinha d’angola. Este encontro familiar remete-nos à preservação da tradição africana muito presente na vida de afro-descendentes no Brasil, onde família e pessoas próximas são convidadas a celebrar a vida e seus antepassados. A galinha d’angola faz referência significativa à origem africana, e o quintal age como uma extensão da terra ancestral, sendo o local onde muitas histórias sobre os negros eram contadas<sup>16</sup>. “Quilombolas” representaria então não só a questão étnica, mas também a luta por liberdade, por melhores condições de vida e, acima de tudo, pela aceitação do diferente. Dessa forma, “na alegria e na tristeza” abrangeria tanto a afirmação identitária por ter antepassados que possibilitaram o conhecimento sobre tradição e história, quanto à memória do negro sobre problemas decorrentes da escravidão e sua resistência perante o colonizador.

Vale enfatizar que a cultura africana trazida para o Brasil durante o período colonial só foi possível de ser conhecida por meio da tradição oral, pois os negros escravizados vinham de diferentes partes da África e sem pertences materiais, restando apenas à memória guardar sua história, esta muitas vezes citada de forma equivocada pela história oficial a partir da visão do colonizador. Sobre a importância da oralidade, Ana Cruz destaca: “Na minha grande família mineira a oralidade estava presente, pois tinha muitas histórias, muitas sabedorias e experiências para serem contadas, e elas não estavam nos livros, estavam escritas na memória de cada uma daquelas pessoas”<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Vide ANEXO B.

<sup>17</sup> Ibidem.

A respeito disso, vale lembrar a questão do fenômeno de projeção levantada por Pollak (1992). Ao desenvolver um sentimento de pertencimento às memórias transmitidas ocorre uma projeção, ou seja, uma transferência do tempo presente para o tempo passado, emergindo então a necessidade de uma re-identificação de grupos com suas culturas de origem. Nesse sentido, é pelo uso da oralidade que a história do passado ancestral se faz impressa na memória coletiva e histórica, o que vem a contribuir para identificação do ouvinte com o que a ele é comunicado, vindo a se colocar no lugar daquele que narra determinado fato.

No conto “Vozes do passado” (CRUZ, 2008, p. 63), a partir da história de vida da personagem Rosa, Ana Cruz elucida novamente a questão da oralidade e dos ensinamentos passados de geração para geração, mas por outra perspectiva. Ao demonstrar a visão da mãe da personagem quanto à desigualdade social, à realidade e ao preconceito de uma mulher ter uma profissão, memória e ancestralidade são enfatizadas pelo conhecimento do avô da protagonista, trazido para a narrativa pela lembrança da personagem. Tendo o avô falecido, a protagonista passa a ter como exemplo de vida os ensinamentos maternos, mas não se conforma com a visão distorcida de mundo da mãe, recorrendo aos conhecimentos transmitidos por seu avô durante a infância sobre a importância da preservação da memória e a afirmação identitária, como se pode perceber em duas das falas de seu avô lembradas por Rosa: “Quem não tem memória se perde, distancia-se de si mesmo, fica incapacitado para analisar e compreender um fato como um todo” (2008, p. 67); “Quem tem vergonha da cor da própria pele e de sua origem, não só não possui estima, mas também se destitui das defesas” (2008, p. 71).

Nesse contexto, ao expor a questão da família e a memória partilhada entre gerações, Ana Cruz ressalta a importância da herança ancestral para a afirmação identitária, demonstrando o orgulho da pertença de uma ancestralidade africana e, conseqüentemente, de uma identidade afro-brasileira, como, por exemplo, nos três primeiros versos do poema “Auto-respeito” (CRUZ, 2008, p. 35): “Quero meus filhos afirmando: sou descendente de africano, / com o mesmo orgulho que os descendentes de outros / continentes aqui muito bem instalados se identificam”.

Quanto a essa forte presença da memória ancestral em sua poesia, a autora expõe:

A presença dos meus antepassados sempre foi uma coisa muito forte durante minha infância, as pessoas idosas e as pessoas que tinham a idade de minhas tias, da minha mãe e do meu pai, das comadres, eram majorias. Em minha infância não tinha muitos meninos nem meninas. Havia muitas mulheres negras de meia idade e muitos homens com certa idade, e por conta dessa enorme população de mulheres, ouvia-se muitas histórias. Eu cresci num universo majoritariamente de negro e sentia no comportamento deles muito orgulho da negritude. [...] A presença de toda aquela gente preta era a melhor coisa mundo. E tinha muitas histórias do passado relacionadas às mulheres africanas, dos enfiamentos delas em relação à condição de escravizadas. Minhas tias sempre diziam: “nossa cultura está no sangue, é herança, não tem sofrimento capaz de arrancar isso de dentro de uma pessoa, a nossa pele preta é um sinal que nossos conhecimentos e raízes dos nossos valores são completamente diferentes daqueles que são brancos”. Eu cresci acreditando que cada etnia tem sua cultura, eu cresci acreditando na minha cultura e ela era minha vida.<sup>18</sup>

Conforme Bosi (1994), Gondar (2005) e Halbwachs (2006), a memória individual só existe quando em contato com o coletivo. Tem-se a memorização de eventos partilhados em grupo sob a ótica de cada um, cuja emoção, percepção e testemunho de cada indivíduo influenciam na compreensão do meio social. Portanto, o processo afetivo de produção da memória, como elemento inseparável do tempo, colabora para a reconstrução do passado e para a tomada de consciência de uma identidade. Nesse sentido, através do trabalho da memória, a família, devido a profundos laços afetivos, torna-se essencial para a construção identitária do indivíduo e do grupo, estabelecendo um sentimento de unidade e de pertença a uma cultura e a uma tradição.

No poema “Busca” (CRUZ, 2008, p. 73), esse processo de rememoração é retomado através da busca identitária. A partir do sentimento de banzo, da “dor ancorada”, o eu-lírico relembra o passado e discute as consequências da escravidão na atualidade.

#### **Busca**

Não posso fugir, fingir que a dor não existe e me esconder por detrás de atitudes cartesianas, bunda de menino ou pilhas de pratos.

Para suportar a dor ancorada, arranhando.

Mesmo com medo, vou navegar na escuridão, destravar a porta

rumo à imensa claridade.

Não quero mais à meia luz, não vou ficar por aí de boca em boca,

dispersando energia.

Fazendo do beijo o pronto-socorro onde amenizo

a dor que lateja em minha alma e explode no meu corpo.

Vou me buscar inteira, no fundo de algum lugar.

---

<sup>18</sup> Vide ANEXO B.

O sofrimento de ter de cuidar de crianças e casas de outros, a impossibilidade de fuga e a dor recorrente dessa realidade de desigualdade social revelam uma pessoa perdida, com medo e cansada de não ser ouvida quanto à sua situação, uma pessoa que se esconde “por detrás de atitudes cartesianas”. Nesse sentido, observa-se a oposição entre “escuridão” e “clareza”, representando dois cenários: o passado no navio negreiro e a identificação das gerações vivas com essa condição desumana de “ficar de boca em boca”, isto é, de estar em constante movência.

Percebe-se também certa indignação quanto à marginalidade social do afro-descendente e a emergência da fala frente ao silenciamento que imperou durante séculos. Desse modo, a dor sentida na alma explode no corpo e a necessidade de sentir-se completo aparece através da busca, ou seja, o encontrar-se “no fundo de algum lugar” e recuperar o que se perdeu nas tantas travessias do oceano.

Em “Expição” (CRUZ, 2008, p. 95), a desigualdade social, a ideia de incompletude e a busca identitária reaparecem, como é possível verificar nas passagens “gostaria de me sentir estável, plena” e “mas eu não estou plena!”. Nesse contexto, percebe-se uma mulher que, embora sinta raiva, tristeza e frustração quanto à sua posição social, tem certeza de ter seu lugar no mundo ao afirmar ser “parte de uma das dimensões deste universo”.

### **Expição**

Sou parte de uma das dimensões deste universo. Morro de raiva, morro de tristeza, morro de frustração pessoal e social.

Se há vida pós-mortes, não sei. Somente vou saber, se eu for capaz de aceitar com gratidão de que continuo um aprendiz de mim. Se eu conseguir estabelecer comigo um diálogo sincero sem desculpas ou autopunição.

Gostaria de me sentir estável, plena, resolvida por ter conseguido educar meus filhos adequadamente, ter concluído quinze anos de escolaridade, ser Candomblecista Cristã, Marxista Leninista, por ter chorado a morte de Samora Machel e Steve Biko por adorar Winnie Mandela<sup>19</sup>. Ter tido uma mãe genial. E ainda contar com D. Arminda, D. Conceição, zelando pelo meu anjo da guarda e Stela de meus Orixás.

Mas eu não estou plena! Sinto devendo algo que consome minha energia pela urgência de ser desvendando.

Gostaria que fosse concedido um dia de repouso aos meus pensamentos. Um dia de não existência. Existir todos os dias com tantos estratagemas é cansativo.

Eu sou parte de uma das dimensões desse universo, talvez a mais vulnerável e perigosa. Por trazer na essência um lobo selvagem que pasta alinhado com o cordeiro. Um lobo ardiloso, louco para passar despercebido ou insuflado, para assim ocupar o território do cordeiro.

---

<sup>19</sup> Winnie Madikizela-Mandela (1936- ), enfermeira, política e ativista da África do Sul, conhecida por ter sido esposa de Nelson Mandela durante a prisão do líder entre 1958 e 1992.

Ao identificar-se com acontecimentos sociais, como “a morte de Samora Machel<sup>20</sup> e Steve Biko<sup>21</sup>” na África do Sul e os ideais do comunismo no Brasil, essa mulher, que conseguiu educar seus filhos adequadamente e que concluiu quinze anos de estudo, revela a necessidade de contribuir para as causas do movimento negro, pois sente que está “devendo algo que consome [sua] energia pela urgência de ser desvendando”. Portanto, expõe a essência de sua existência a partir das experiências vividas e da aprendizagem resultante delas, descobrindo-se e conhecendo-se através da busca identitária.

Interessante perceber a inversão de papéis estabelecida entre lobo e cordeiro. Sendo o primeiro talvez a parte “mais vulnerável e perigosa” desse universo e o segundo aquele que ocupa um território próprio, compreende-se que o cordeiro na verdade representaria o branco colonizador. Este responsável pelo adestramento do “lobo selvagem”. Por essa perspectiva, o caráter de vulnerabilidade é dado ao lobo e não ao cordeiro. Entretanto, observa-se que nessa oposição o caráter de periculosidade deveria ser dado ao cordeiro, pois acredita-se que, por estar o lobo representando o negro, o perigo estaria nas possibilidades de luta e de resistência contra o branco, ou seja, o cordeiro. Nesse sentido, a vontade de “passar despercebido ou insuflado” para “ocupar o território do cordeiro” corresponderia à tomada de consciência do negro frente à realidade marginal em que está inserido, vindo a ser aquele que volta seu olhar para as origens, isto é, para a África, buscando assim reocupar a terra que lhe foi tirada.

No poema “Retinta” (CRUZ, 2008, p. 15), a afirmação identitária também é recorrente. Ao trazer questões de gênero, marginalidade, desigualdade social e resistência, a autora apresenta um tempo atual que nos remete aos tempos de escravidão.

Tem-se a “mãe preta” a mulher como detentora do conhecimento sobre dois tipos de discriminação que, mesmo frente às dificuldades, não se mostra inferior pela cor da pele e sente orgulho da beleza de sua descendência, demonstrado no poema por “bonita” e “Zulu”. Na mitologia afro-brasileira, “mãe preta” diz respeito a

---

<sup>20</sup> Samora Moisés Machel (1933-1986) foi líder militar e revolucionário moçambicano. Liderou a Guerra da Independência de Moçambique entre os anos de 1964 e 1974, tornando-se o primeiro presidente do país após a independência, de 1975 a 1986.

<sup>21</sup> Steve Bantu Biko (1946-1977) foi ativista político da África do Sul entre 1960 e 1970. Conhecido como o mártir do movimento antiapartheid e por seu slogan “*Black is beautiful*” (*Preto é bonito*), fundou o Movimento de Consciência Negra em meados dos anos 1960.

uma mulher escrava que, negada ao direito de cuidar do próprio filho, passa a viver na “casa grande”, cuidando e amamentando os filhos de seu senhor branco. Assim como Zumbi dos Palmares, o grande pai dos negros no Brasil, a mãe preta aparece como representante de toda resistência da mulher negra na luta por seu reconhecimento materno, como mãe, não mais na qualidade de objeto sexual, situação pela qual as mulheres negras eram vistas mesmo após o período da escravidão.

### Retinta

Mãe preta, bonita, sorriso longo, completo.  
 Nem parece que passou por tantas.  
 Deu um duro danado entre a roça e os bordados.  
 Virou ao avesso para não desbotar.  
 Dizia, não com soberba: não esfrego chão dessas Senhoras.  
 Essa gente coloniza.  
 Se a pessoa não tiver orgulho de ser assim Zulu<sup>22</sup>  
 fica domesticada.  
 Sem opinião. Se autodeprecia, adocece.

Importante ressaltar no poema a dualidade negro/branco nas palavras “Senhoras” e “Zulu” com maiúsculas e certa indignação para com o branco (colonizador), sendo o negro exposto como um animal, ideia esta representada pela palavra “domesticada”. Isso corresponderia à visão que se tinha na metade do século XIX, onde a mãe preta simbolizava a escrava mais dócil e fiel, por estar dentro da *casa grande* e por afeiçoar-se aos filhos do patrão como se fossem seus, servindo muitas vezes não só a esse papel dentro da casa.

Desse modo, através da história de vida dessa mulher retinta verifica-se certa crítica ao branqueamento pregado ao negro. A mulher, metaforicamente, “vira-se ao avesso para não desbotar”, indicando que sua identificação como negra vai além da questão de pele; é uma questão também cultural. Nesse contexto, compreende-se que a memória histórica, por ser mutável e contínua, apoia-se no testemunho do coletivo, de experiências vividas e na história escrita. Fatos históricos são conhecidos de forma fragmentada e resumida, a partir da consciência individual, ocorrendo de certos contextos do presente serem, muitas vezes, semelhantes ao do passado, devido à multiplicidade de memórias compartilhadas (HALBWACHS, 2006).

---

<sup>22</sup> Grupo originário do sul da África, que hoje corresponde aos territórios da África do Sul, Lesoto, Moçambique, Suazilândia e Zimbábue.

Já em “Linguaruda” (CRUZ, 2008, p. 19), poema em primeira pessoa, é dada voz a essa mulher negra, abordando questões de gênero e etnia.

### Linguaruda

Eu sou uma preta, muito negra brilhante cintilante, faço verso com requinte para o deleite das pessoas que amam a vida e fazem das tripas coração, para prosseguir ampliando a estética do mundo que, sabe Deus ou “Olorum”<sup>23</sup>, pela perfeição de sua criação. Sou preta, muito negra, faço verso muito prosa. Por sermos assim retintos, somos tratados a ferro e fogo. Subvertemos a ordem social que vigora silenciosamente onde os pretos, quando chamados, é somente para concordar.

Salienta-se nesse poema primeiramente seu título: “linguaruda”. Opondo-se ao silêncio ordenado do passado, é dada voz à mulher contra toda exploração, opressão e discriminação sofridas, “subvertendo a ordem social”, ou seja, explicitando a tomada de consciência do negro a respeito de sua situação no mundo e sua resistência quanto a discordarem do tratamento como inferior que tinham (têm) e da repressão que a sociedade lhes impõe. A partir dessa fala ocorre denúncia implícita contra os maus tratos pelos quais todo negro era submetido, “a ferro e fogo”, quando na posição de escravos, correspondendo também à condição de marginalizados na sociedade atual. Assim, Ana Cruz evoca o coletivo, ao dedicar seus versos para aqueles que “fazem das tripas coração”, colocando-se na posição de igualdade ao utilizar do verbo *ser* conjugado no plural.

Chama-se atenção ainda para o vocativo “Deus ou Olorum”, duas divindades oriundas de diferentes crenças religiosas, evidenciando o entrelaçando entre religião católica e religiões de matriz africana, muito presente na cultura afro-brasileira mineira. Sobre isso Ana Cruz comenta:

Eu cresci sendo rezada, todos ali eram rezados, e a maioria das benzedeadas eram negras. Na minha região tinham muitas benzedeadas e benzedores, muitas videntes. Também aconteciam muitas rezas, novenas, fogueiras, mas sem a presença oficial da Igreja Católica, a Igreja que se fazia presente ali. A presença da religião de matriz africana era mais percebida pelo culto à natureza, enquanto uma coisa sagrada que a gente pode transformar a favor da vida, mas que a gente não detém o conhecimento de como foi o princípio dessa vida, desse mundo. Uma outra situação em que se percebia os valores da religião africana era no cuidado com a cabeça, pois na cabeça estão os registros, a memória dos acontecimentos e aos vivos cabem contar as história daqueles que já se foram, para que nada se perca.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> No Candomblé, Olorum ou Olorumaré significa “o único ser supremo”; “aquele que criou o mundo”, proveniente da cultura dos Yorubás.

<sup>24</sup> Vide ANEXO B.

Na concepção da autora, “rezada” diz respeito à pessoa com um dom espiritual e místico voltados para a ajuda ao próximo, sem necessariamente ser uma prática de religiosa. Embora Cruz afirme não participar de nenhuma religião efetivamente, explica ser o cuidado com a cabeça um costume religioso importante e presente em sua família, sendo a rezadeira entendida como responsável pelo ritual da benzedura, agindo como uma forma de médica espiritual, por curar as enfermidades e transmitir palavras reconfortantes.

No poema “Felizes” (CRUZ, 2008, p. 37), a autora demonstra a importância desse tipo de ritual como uma forma também de revisitação aos antepassados.

### Felizes

Mãe fez uma roda no terreiro. Sentamos. Forrou no centro uma toalha chique, colocou flores, fotografias dos bisavós, uma tigela de porcelana Nigeriana e uma elegante e majestosa galinha d’angola.  
Tia avó entoou um canto com o que ainda restara do Yorubá<sup>25</sup> em sua memória, pôs a mão no peito, e reverenciou a mesa. Prosseguiu o ritual. Tocava as fotografias, a tigela, a cabeça da galinha d’angola e, em seguida, colocava a mão direita sobre nossas cabeças e esquerda em nossos peitos, repetindo o gesto dezena de vezes.  
No final da cerimônia, o avô disse, todo garboso:  
Revisitamos nossos antepassados.  
Graça a Deus!  
Estamos consubstanciados.

Ao apresentar a tia avó como uma rezadeira evocando sua língua de origem em canto durante tal cerimônia, Cruz recupera a tradição perdida como forma de identificação e de valorização do passado (HALL, 2005). Do mesmo modo, fotografias, terreiro, porcelana nigeriana e galinha d’angola simbolizam a pertença de uma ancestralidade e a afirmação da identidade africana, demonstrando o sentimento de felicidade ao cultuar a tradição familiar.

Observa-se também a ideia de aliança presente na cena retratada quando o avô diz estarem “consubstanciados”. Esse, juntamente com a tia avó, surge na qualidade de mentor espiritual e detentor de maior sabedoria na pirâmide familiar, sendo responsável por manter vivos os costumes da família, demonstrando às

---

<sup>25</sup> Língua nigero-congolesa, proveniente de grupo étnico habitante da Nigéria também conhecido por Yorubá.

futuras gerações a importância da fé, da reza, do culto aos antepassados e de continuar com a tradição. Segundo Pollak:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (1989, p. 14).

Nesse sentido, Ana Cruz utiliza o testemunho familiar como forma de identificação com o passado, dando significado à tradição e ao sentimento de pertença a uma origem africana.

Em outros poemas da obra, como em “Agradecimento”, “Deus responde” e “Senhora das Águas”, e no conto “Adoração”, Cruz volta a abordar a temática da crença e da religiosidade relacionada à cor de pele como elementos essenciais da construção identitária afro-brasileira. No poema “Vitória” (CRUZ, 2008, p. 29), a autora indica essa busca pelas origens e a recuperação da memória como forma de demonstrar a alegria provocada pelo sentimento de plenitude do ser humano como indivíduo.

#### **Vitória**

Quero sabores, cheiros, aromas originais, recuperar a memória do sentir, identificar no sótão de vidas passadas conhecimentos, rituais, aprendizados sedimentado com sabores e aromas. Despossuído de aromas o corpo não tem vitalidade, perde o suporte. Mecânico, manipulável, executa somente os comandos habituais. Procuo meus aromas e sabores, os mesmos que compunham a melodia sutil, não triunfalista de Vitória sobre a Morte. Olhando pai e mãe retintos, inteiros; cantando com alegria, ombros eretos, olhares erguidos.

Nesse cenário, Ana Cruz utiliza de elementos memoriais, como sabores, cheiros e aromas, para indicar o resgate da memória como sendo indispensável ao ato de viver, posto que “despossuído de aromas o corpo não tem / vitalidade, perde o suporte”. Interessante observar o empenho no “querer” e no “procurar” como forma de pertencimento identitário em oposição às consequências da perda das origens, sendo possível relacioná-la aos tempos de escravidão, quando mencionado o corpo que, quando sem essência, é manipulável. Em contrapartida a essa ideia, Cruz ressalta a vitória sobre a morte, ou seja, a importante tomada de consciência de uma

identidade frente ao esquecimento desses elementos. Assim, acredita-se que a evocação dos pais na qualidade de inteiros, felizes, com “ombros eretos” e “olhares erguidos” vem a mostrar a resistência contra a opressão vivida pelo seu povo negro no passado como forma de autoafirmação.

Já em “Memória” (CRUZ, 2008, p. 47), a ideia de uma força ancestral que dá vida à alma sofrida do negro e ao corpo que o branco se apropriou é mais evidente.

### Memória

Ainda que ninguém me reconheça, que eu não passe de um desconhecido aos que permacenem vivos de minha família, devido a tantos anos de ausência. Ainda que eu vague só, quero voltar a Ruanda, reencontrar o lugar com seus elementos, purificados ao sol.

Embora eu tenha há tantos anos sobranceiras de algodão, sei, estou ciente, guardo dentro de mim um homem incompleto. Quando as ideias não encontram espaço para resplandecer, um homem indubitavelmente torna-se frágil, cheio de defesas.

Deixei tantos experimentos inconclusos, experimentos que fariam Ruanda orgulhosa de ter-me como filho, um filho com a vida dedicada a apurar o melhor da ciência; ciência posta à mesa para todos dela se servirem e embevecer-se, crescer de forma unificada, porque o conhecimento é o único método eficaz, consubstante, para neutralizar a miséria.

Arrancaram-me do colo de Ruanda, quando eu nele tinha localizado o lugar adequado que estabeleceu em mim o sentimento de amparo, a segurança de poder ser. Uma energia magnífica me movimentava. Tomado de Ruanda, transplantado e inscrito noutro continente, criaram tratados internacionais, fundamentos hediondos, para legitimar a apropriação do meu corpo preto.

Das riquezas que os empoderaram, o único registro digno foi a força de trabalho empregada exaustivamente de homens, mulheres e crianças. Ruanda, culta, inteligente com enormes perspectivas inovadoras, ali, refém, exposta à tirania de homens estúpidos que, respaldados na europele, constituíam-se nos donos das regras econômicas e políticas, utilizando-se de recursos inescrupulosos. Perversos quando alinham seus interesses, tornam-se rivais da decência. O cheiro da senzala é o indicativo de quanto é podre a casa grande.

Quero Ruanda para me tornar completo, mesmo com idade avançada, retornar, curar nossa saudade, levar alegria à nossa alma sofrida, conta do meu paradeiro e destino incerto. Quero que ela sinta no meu pulsar a interpresença de sua força ancestral que me manteve e me suportou.

Nesse poema, ao evocar a memória de um homem negro já em “idade avançada”, “transplantado e inscrito noutro continente”, Ana Cruz apresenta a escravidão a partir do ponto de vista da memória individual. Esse homem, cujo nome não é mencionado, expressa os sentimentos de solidão e de banzo provocados pela lembrança de sua terra natal, Ruanda, afirmando que, “devido a tantos anos de [sua] ausência”, talvez ninguém o reconheça. Desse modo, é possível perceber um ser que se sente incompleto, desamparado, sem rumo e sem defesas por ter sido arrancado de seu lugar de origem, cuja “energia magnífica [o] movimentava” e dava-

lhe “a segurança de poder ser”. Lugar esse de muita riqueza, cultura e inteligência que o homem branco ignorou, portando-se como tirano e perverso ao escravizar um povo que julgou ser inferior pela questão da cor de pele, tornando-o, assim, seu rival. O uso conjuntivo de “ainda que” e “embora” em oposição a “quero” enfatiza a ideia de que, mesmo em meio às adversidades provocadas pela escravidão, a interpresença da terra e a esperança de reencontrá-la permitiram sua sobrevivência. Por essa perspectiva, a autora expõe o resgate da memória como forma de identificação do negro com sua nacionalidade, motivado pelo sentimento de pertença, de saudade e pelo desejo de retorno, conforme aponta Pollak:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes [...] A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (1989, p. 13).

O exame do passado permite a tomada de consciência identitária de forma que, ao evocar momentos traumatizantes vividos durante a escravidão, seja possibilitado um novo olhar perante a situação atual do negro. Sendo assim, Ana Cruz, ao refletir sobre histórias ancestrais e o desrespeito aos direitos sociais do negro presente ainda hoje, faz com que sua escrita, através dos mais variados temas, sirva de instrumento de afirmação e libertação.

## 4 CONCEIÇÃO EVARISTO: ENTRE ESCRITURAS E VIVÊNCIAS

*A vida não é a que a gente viveu e sim a que se recorda, e como se recorda para contá-la.*

Gabriel García Marquez

*A memória é o essencial, visto que a literatura está feita de sonhos e os sonhos fazem-se combinando recordações.*

Jorge Luis Borges

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 29 de novembro de 1946. De origem humilde, vivia numa favela, dividindo um barraco com sua mãe Joana, seu padrasto Aníbal Vitorino e seus oito irmãos. Aos sete anos, passa a morar com um casal de tios próximos que não tinham filhos, Maria Filomena da Silva, tia Lia, e Antônio João da Silva, tio Totó, sendo a ela oportunizada uma vida um pouco melhor, com mais condições financeiras para dedicar-se aos estudos.<sup>26</sup>

Adquirir o conhecimento formal, aprimorar e amadurecer o dom para as letras não foi tarefa fácil para Conceição Evaristo.

Ao terminar o primário, em 1958, Conceição Evaristo ganhou o seu primeiro prêmio de literatura, vencendo um concurso de redação que tinha o seguinte título: *Por que me orgulho de ser brasileira?*. Quanto à beleza da redação, reinou o consenso dos professores; quanto ao prêmio, houve discordâncias, pois a passagem da jovem escritora pela escola não tinha sido de uma aluna bem comportada. Foi necessária a interferência de Dona Luzia Machado Brandão, professora que trabalhava na Biblioteca, para que a menina negra recebesse o prêmio (LIMA, s. i. a., p. 2).

Trabalhou como empregada doméstica de famílias abastadas de Minas Gerais até 1971, quando termina o curso normal, aos 25 anos. Em 1973, muda-se para o Rio de Janeiro, onde realiza concurso público para o magistério e é aprovada.

Em 1976 casa-se com Oswaldo Santos de Brito, com quem tem sua única filha, Ainá Evaristo de Brito, menina especial com síndrome genética psicomotora. Treze anos mais tarde Evaristo enviúva.

Influenciada pela leitura de autores como Jorge Amado, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Drummond e Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo ingressa no curso de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

---

<sup>26</sup> Vide APÊNDICE.

Nos anos seguintes, conclui com louvor o curso de mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ), com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afrobrasilidade* (1996), e o curso de doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), onde estuda a relação entre a literatura afro-brasileira e a literatura africana lusófona.

Atuante em movimentos sociais que reivindicavam a valorização da cultura negra no Brasil e melhor tratamento aos afro-descendentes, Evaristo estreia na literatura em 1990, com a publicação dos poemas “Mineiridade”, “Eu-mulher”, “Os sonhos”, “Vozes-mulheres”, “Fluida lembrança” e “Negro-estrela”, no décimo terceiro número da série *Cadernos negros*, organizada pelo Grupo Quilombhoje de São Paulo (LIMA, s. i. a., p. 3).

Em 2003, publica seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*. De narrativa não-linear, traz como temas o autoconhecimento, a pobreza e as injustiças sociais, enfatizando a importância da família e da tradição na cultura negra. Com essa obra, Evaristo torna-se a segunda afro-brasileira a publicar no exterior, depois de Carolina Maria de Jesus e seu *Quarto de despejo* (1960).

Três anos mais tarde, publica *Becos da memória*, sua primeira obra escrita que havia ficado guardada por vinte anos. Nela, Evaristo rememora fatos e histórias vividas e contadas em sua infância, expondo o drama de terem sido removidos da favela onde moravam por obras promovidas pelo governo estadual, sendo comparada, pela temática da obra, com Carolina Maria de Jesus. Em 2008, publica a obra *Poemas da recordação e outros movimentos* e, em 2011, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, esta composta por contos que discutem questões de gênero, etnia e discriminação social.

Escritora versátil, Evaristo participa também de obras coletivas em países como Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. É hoje objeto de estudo de escolas e universidades brasileiras e do exterior, havendo um número significativo de artigos, dissertações e teses sobre suas obras. Salienta-se que sua obra *Ponciá Vicêncio* foi incluída na lista de diferentes vestibulares nacionais nos últimos anos.

Publicada em Belo Horizonte, pela editora Nandyala, *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008) traz à tona a memória identitária do negro representada

por lembranças de infância de histórias contadas pela família e amigos, em que a autora ressalta a importância do conhecimento, da sabedoria e da experiência ancestral, valorizando, assim, a oralidade. Na obra, Evaristo aborda temas como o orgulho de ser mulher e de ser negra, focalizando a maternidade, bem como a pobreza, a resistência, a angústia, o medo e o receio do escravo do passado, temas que se confundem aos dramas do negro na atualidade. Aborda ainda questões como mineiridade, amor e fazer poético, onde presta homenagens a pessoas próximas e personagens históricos.

Composta por quarenta e quatro poemas, a obra divide-se em quatro grandes partes iniciadas por epígrafes. A primeira com trinta e três poemas, a segunda com dois, a terceira com seis e a quarta com três. Vale ressaltar que, conforme assinalado anteriormente, Evaristo já havia publicado alguns de seus poemas na série *Cadernos negros* (nos números 13, 15, 19, 21 e 25) e que, por isso, *Poemas da recordação e outros movimentos* se trata de uma obra compilatória, onde a autora reúne trinta e um poemas já publicados, acrescentando mais treze inéditos. Interessante observar que a ordem dos poemas no sumário da obra difere da ordem de como os poemas foram publicados nos *Cadernos negros* (ANEXO A), pensa-se que por causa da forma como a obra foi organizada pela autora. A seguir, analisa-se as quatro referidas epígrafes da obra e alguns poemas selecionados quanto à temática aqui estudada.

*O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia...* (EVARISTO, 2008, p. 7).

Nessa primeira epígrafe já é possível perceber, de forma sutil, um dos principais temas da obra propostos por Conceição Evaristo: a memória e a importância da família no processo identitário e no fazer poético. Essa cena relata a infância humilde que a autora teve e a repercussão de sentimentos provocados por essa condição de vida. A partir da experiência de ter mãe e tia lavadeiras, Evaristo discorre sobre as emoções que sentia nesse tempo de menina.

Observa-se certa intertextualidade dessa epígrafe com outros dois escritos da autora, *Becos da memória* (EVARISTO, 2006), obra com semelhanças biográficas, e

o conto *Olhos d'água* (EVARISTO, 2005). Logo no início de *Becos da memória*, através da personagem Maria-Nova, Evaristo narra a situação de pobreza em que viviam: “Hoje a recordação daquele mundo, me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!” (EVARISTO, 2013, p. 29). Em *Olhos d'água*, mais uma vez a pobreza é retratada, de forma mais poética:

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umaz viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. **A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós.** Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas, de que cor eram os olhos de minha mãe?

[...]

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? **Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz.** Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum (EVARISTO, 2005, p. 4, grifos meus).

Nesse conto, nota-se também a presença de nuvens e lágrimas, sendo um assunto recorrente na escrita da autora. Uma vez que as nuvens dão a ilusão de preencherem o vazio da fome, as lágrimas, que ao longo do conto eram de sofrimento, ao final são de felicidade frente ao reencontro com a filha. Essa era a mesma felicidade que a mãe sentia durante o duro trabalho como lavadeira, crê-se de estar na presença da filha. Entretanto, conforme indicado no conto, compreende-se ser uma felicidade superficial, pois as lágrimas dos lençóis confundem-se com lágrimas humanas, o céu refletido nas águas das bacias e tinas mistura sonho e esperança à realidade. Tempos tão sofridos que remetem o presente ao tempo passado e às lágrimas ancestrais de um povo cujo sofrimento perdura por gerações.

Assim, Evaristo encerra a epígrafe expondo seu íntimo frente aos sentimentos provocados pela lembrança do tempo de menina. Momento esse que irá repercutir em sua escrita no futuro.

*“Das acontecências do banzo, em determinados casos, nada pode ser feito para se escapar, a não ser viver...” (EVARISTO, 2008, p. 57).*

Na segunda epígrafe Evaristo discorre sobre a diáspora e seus efeitos. Em concordância com a primeira epígrafe, a autora evidencia o sofrimento do negro frente à realidade marginal a que se encontra, sendo o único refúgio dessa situação a resistência através do ato de viver. Chama-se atenção para a explicação “em determinados casos” como as possibilidades de fuga desse sentimento de tristeza e privação da liberdade consequentes do deslocamento involuntário o qual os negros foram sujeitados. Nesse sentido, esses outros casos poderiam corresponder à fuga geográfica, à fuga psicológica e ou à fuga pela morte. Observa-se ainda o uso de reticências ao final, que dá indício a um viver de certa forma não pleno, ou seja, viver mesmo com as adversidades e as privações do mundo; viver apesar dos pesares.

*“Quem disse que o amor é só dor?” (EVARISTO, 2008, p. 62).*

A terceira epígrafe traz a questão o amor. Através da relação sujeito/predicado, empregada nessas palavras pelo uso do verbo de ligação e da correspondência sonora de “amor” e “dor”, percebe-se que a partir do questionamento “quem disse?” e do uso do advérbio “só” há discordâncias a respeito do significado de tal sentimento. Embora evidencie que amor remeta à dor, tal pergunta irá afirmar que o amor não se reduz apenas ao sofrimento, mas que ele pode trazer como propriedades outros sentimentos, sejam eles positivos ou não, como, por exemplo, a solidão provocada pela lembrança de um ente querido e o sentimento de saudade.

*Quando se está longe da terra conhecida, às vezes, basta aguçar certos sentidos para experimentar o gozo da invenção do retorno. Quando a terra desejada é desconhecida, pode-se perder nos incógnitos caminhos, mas nunca deixar esmorecer o desejo da viagem (EVARISTO, 2008, p. 67).*

A quarta e última epígrafe apresenta dois casos diferentes relativos ao negro. No primeiro, tem-se o sentimento de banzo e “o gozo da invenção do retorno”, representando o negro que foi arrancado de sua terra e que sonha em um dia

reencontrá-la. O segundo, diz respeito à afrodescendência; àquele que mesmo não tendo vivido na terra de seus ancestrais deseja conhecê-la. Desse modo, é pela experimentação dos sentidos e pelo fazer poético que os caminhos dessa viagem desejada remetem-se à diáspora e à história dos negros. Estes que da África foram levados e que para a África sonharam um dia voltar.

Retoma-se aqui o título da obra em questão, *Poemas da recordação e outros movimentos*. Como já assinalado nos capítulos teóricos deste trabalho, a recordação é responsável pela evocação da memória. Maurice Halbwachs (2006) afirma que para que ocorra a recordação deve existir algum vestígio do passado com o qual um indivíduo ou um grupo se identifique, sendo um processo de rememoração individual e coletiva.

Tomado o ato de recordar como algo extremamente subjetivo, que pode resultar também no esquecimento, entende-se ser a escrita uma das melhores formas de trazer o passado para o tempo presente. Assim, o que Conceição Evaristo realiza em *Poemas da recordação e outros movimentos* é a manifestação de sua escrevivência<sup>27</sup>, pois a autora torna conhecida sua e outras histórias de vida através do ato de escrever. Histórias que ultrapassam a barreira temporal e traduzem a história de seus antepassados. Obra que além de realizar movimentos de idas e vindas ao passado, recorda fatos que a história oficial encobriu, representados ainda hoje pelos movimentos de luta, resistência e esperança do negro na diáspora.

Dentre tantos outros movimentos, é pelo movimento da água que Evaristo inicia a obra, com o poema “Recordar é preciso” (2008, p. 9). No poema, a metáfora das ondas do mar é utilizada para sintetizar os pensamentos do eu-lírico, onde os fluxos e refluxos das águas-lembranças apontam para a importância do ato de recordar. Lágrimas confundem-se com as águas salgadas do mar, onde o mistério sobre a terra ancestral desconhecida torna o sujeito um naufrago.

---

<sup>27</sup> Conceito que se refere ao corpo descrito e vivido; às experiências vividas e pensadas da condição do negro no Brasil, com o objetivo de socializá-las e discuti-las (EVARISTO, 2007).

### **Recordar é preciso**

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos  
 A memória bravia lança o leme:  
 Recordar é preciso.  
 O movimento vaivém nas águas-lembranças  
 Dos meus marejados olhos transborda-me a vida,  
 Salgando-me o rosto e o gosto.  
 Sou eternamente náufraga,  
 Mas os fundos oceanos não me amedrontam  
 E nem me imobilizam.  
 Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.  
 Sei que o mistério subsiste além das águas.

A partir desse sentimento de infelicidade surge o resgate da memória e a busca identitária; o desejo de conhecimento de si e das origens. Nesse sentido, não há sentimento de medo frente à realidade; “os fundos oceanos não [...] amedrontam / E nem [...] imobilizam”, pois trazem “uma paixão profunda [que] é a bóia que [...] emerge”; a força ancestral que dá significado à luta pela vida.

Em “Vozes-mulheres” (EVARISTO, 2008, p. 10), a autora trabalha o resgate da memória e o processo de construção identitária, apresentando os efeitos da diáspora em cinco distintas gerações. Ao narrar sua história de vida e a das mulheres de sua família, aborda questões ligadas à ancestralidade, à maternidade e aos dramas da mulher negra.

### **Vozes-mulheres**

A voz de minha bisavó  
 ecoou criança  
 nos porões do navio.  
 Ecoou lamentos  
 de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
 ecoou obediência  
 aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
 ecoou baixinho revolta  
 no fundo das cozinhas alheias  
 debaixo das trouxas  
 roupagens sujas dos brancos  
 pelo caminho empoeirado  
 rumo à favela.

A minha voz ainda  
 ecoa versos perplexos  
 com rimas de sangue  
 e  
 fome.

A voz de minha filha  
 recolhe todas as nossas vozes  
 recolhe em si  
 as vozes mudas caladas  
 engasgadas nas gargantas.  
 A voz de minha filha  
 recolhe em si  
 a fala e o ato.  
 O ontem – o hoje – o agora.  
 Na voz de minha filha  
 se fará ouvir a ressonância  
 o eco da vida-liberdade.

Com respeito a essa linhagem de mulheres, Evaristo relembra no poema a voz de sua bisavó, de sua avó e de sua mãe frente ao poder dos “brancos donos de tudo”. Vozes que ecoam o momento da escravidão transpondo essa experiência para a realidade do hoje, demonstrados pela vivência periférica no navio, na senzala e na favela. Entretanto, é pelos ecos recolhidos na voz da filha que “se fará ouvir a ressonância / o eco da vida-liberdade” dessas “vozes mudas caladas / engasgadas nas gargantas”, compreendendo um futuro que está por vir, cujas condições de melhor vida para os afrodescendentes serão alcançadas.

O poema traz marcas de um eu-lírico consciente de sua história marcada pela cor da pele, sendo seu discurso, segundo Eduardo de Assis Duarte, um manifesto-síntese da obra poética de Evaristo:

Os versos enfatizam a necessidade do eu poético de falar por si e pelos seus. Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa dos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente de resistência à opressão (DUARTE, 2006, s. i. p.).

Desse modo, é pelo discurso poético que Evaristo evoca a memória, instaurada pelo inconformismo da dura realidade e pela esperança de liberdade. Ao trazer para o poema não só o individual, mas a representação de um coletivo, a autora corrobora com o que Hall, Bernd e Halbwachs dizem sobre a questão da identificação; de que o que é lembrado deva ter sentido dentro de um grupo social, ocorrendo certo “preenchimento” individual a partir do contato com o outro, ou seja, com o que é exterior ao indivíduo.

Não é suficiente reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p. 39).

No poema “Todas as manhãs” (EVARISTO, 2008, p. 13), ao evocar a memória e chamar a atenção para a opressão cotidiana do negro em consequência da escravidão, a escritora reforça a ideia de que a história deva ser revisada. Nesse contexto, é demonstrada a esperança sufocada de uma “voz-banzo” que clama por liberdade plena e que resiste a todo sofrimento da rotina de trabalho pesado na lida da terra (LIMA, s. i. a.).

#### **Todas as manhãs**

Todas as manhãs acoito sonhos  
e acalento entre a unha e a carne  
uma agudíssima dor.

Todas as manhãs tenho os punhos  
sangrando e dormentes  
tal é a minha lida  
cavando, cavando torrões de terra,  
até lá, onde os homens enterram  
a esperança roubada de outros homens.

Todas as manhãs junto ao nascente dia  
ouço a minha voz-banzo,  
âncora dos navios de nossa memória.  
E acredito, acredito sim  
que os nossos sonhos protegidos  
pelos lençóis da noite  
ao se abrirem um a um  
no varal de um novo tempo  
escorrem as nossas lágrimas  
fertilizando toda a terra  
onde negras sementes resistem  
reamanhecendo esperanças em nós.

Na tripla repetição de “todas as manhãs” os tempos presente e passado misturam-se. O acoitar dos sonhos representa a tomada de consciência identitária afro-brasileira impressa pela resistência em viver mesmo frente à “agudíssima dor”, sendo o ato de cavar a terra, “onde os homens enterraram / a esperança roubada de outros homens”, uma manifestação de toda subsistência, luta e “crença na possibilidade de renascimento” (DIAS, 2011, p. 5).

A partir da “âncora dos navios de nossa memória”, dos “lençóis da noite” e do “varal do novo tempo”, Evaristo expõe o translado de escravos e a oposição dos

afrodescendentes à submissão imposta a seus ancestrais, indicando ser a claridade do amanhecer um ato de resistência contra o branco senhor de terras. Lágrimas fertilizam a terra e evidenciam a identificação dos afrodescendentes com o passado histórico dos negros, correspondendo à ideia de coletividade de um sujeito enunciativo presente na literatura afro-brasileira (RIBEIRO, 2010).

É interessante perceber a relação dessas “negras sementes”, que terminam o poema “Todas as manhãs”, com as “contas negras e mágicas” do poema “Meu rosário” (EVARISTO, 2008, p. 16). Em “Meu rosário” a temática do sofrimento do negro, do trabalho árduo e a dura realidade enfrentada pela comunidade negra também se faz recorrente.

### **Meu rosário**

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.  
 Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo  
 padres-nossos, ave-marias.  
 Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques  
 do meu povo  
 e encontro na memória mal-adormecida  
 as rezas dos meses de maio de minha infância.  
 As coroações da Senhora, onde as meninas negras,  
 apesar do desejo de coroar a Rainha,  
 tinham de se contentar em ficar ao pé do altar  
 lançando flores.  
 As contas do meu rosário fizeram calos  
 nas minhas mãos,  
 pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas,  
 nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo.  
 As contas do meu rosário são contas vivas.  
 (Alguém disse que um dia a vida é uma oração,  
 eu diria porém que há vidas-blasfemas).  
 Nas contas de meu rosário eu teço entumecidos  
 sonhos de esperanças.  
 Nas contas do meu rosário eu vejo rostos escondidos  
 por visíveis e invisíveis grades  
 e embalo a dor da luta perdida nas contas  
 do meu rosário.  
 Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.  
 Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome  
 No estômago, no coração e nas cabeças vazias.  
 Quando debulho as contas de meu rosário,  
 eu falo de mim mesma em outro nome.  
 E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,  
 vidas que pouco a pouco descubro reais.  
 Vou e volto por entre as contas de meu rosário,  
 que são pedras marcando-me o corpo-caminho.  
 E neste andar de contas-pedras,  
 o meu rosário se transmuda em tinta,  
 me guia o dedo,  
 me insinua a poesia.  
 E depois de macerar conta por conta o meu rosário,  
 me acho aqui eu mesma  
 e descubro que ainda me chamo Maria.

Atentando inicialmente para o título do poema, percebe-se que o uso do pronome possessivo “meu” introduz certa ideia de singularidade. Desse modo, crê-se se tratar de um rosário incomum, diferente do terço conhecido e adotado pela comunidade católica em geral, uma vez que as suas contas são vivas e fazem calos, sendo possível através dele entoar cantos, ouvir “longínquos batuques”, “tecer intumescidos / sonhos de esperanças” e debulhá-lo. Nesse sentido, a fé mistura-se ao “trabalho na terra, nas fábricas, / nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo”, revelando ser o ato de rezar uma prática muito maior que a recitação de orações.

A partir do resgate da memória de infância, Evaristo evidencia a prática da Congada<sup>28</sup> e a discriminação durante esse tipo de cerimônia religiosa no Brasil, onde “as meninas negras, / apesar do desejo de coroar a Rainha, / tinham de se contentar em ficar ao pé do altar / lançando flores”. Assim, ao utilizar a religiosidade como forma de configuração da cultura e da memória, a autora irá “relacionar os arquétipos maternos a um só tempo estabelecendo [a] filiação afetiva e feminina no modo de crer e a crítica à exclusão que desde a infância sofrem [as] crianças agredidas pelo preconceito, fazendo já nascer aí o sentimento de inferioridade e não pertencimento” (VASCONCELOS, s. i. a., p. 11).

Ao longo do poema, percebe-se que o rosário simboliza todos os sentimentos provocados pelas injustiças contra o negro desde a escravidão até a contemporaneidade, tornando-se uma espécie de refúgio da realidade e das dores vividas, e representando a inconformidade frente à pobreza e à “luta perdida”, bem como as decepções e os “sonhos de esperanças”. Ao final, tem-se a efetiva identificação do eu-lírico com o coletivo, ao descobrir serem reais pessoas e lugares que havia sonhado, bem como a tomada de consciência de uma identidade individual. O “rosário se transmuta em tinta”, “guia o dedo” e “insinua a poesia”, possibilitando ao sujeito enunciador se reencontrar e perceber que, mesmo em meio a tantas adversidades da vida, ele ainda permanece vivo e tem nome: Maria.

No poema “Filhos na rua” (EVARISTO, 2008, p. 12), assim como em “Todas as manhãs”, o sentimento de banzo, a ideia de exílio, de pertencimento a uma terra de origem, a dor da travessia no navio negreiro e os dramas atuais do negro reaparecem. Dessa forma, Evaristo demonstra que o passado se faz presente na

---

<sup>28</sup> Festa popular religiosa oriunda da África, que mescla elementos religiosos católicos com dança africana, muito comum nas regiões do Nordeste e Norte do Brasil.

vida, na pele e, principalmente, na memória dos afrodescendentes, sendo a dor da escravidão revisitada e revivida na contemporaneidade (RIBEIRO, 2010).

#### **Filhos na rua**

O banzo renasce em mim.  
Do negror de meus oceanos  
A dor submerge revisitada  
Esfolando-me a pele  
Que se alevanta em sóis  
E luas marcantes de um tempo  
Que está aqui.

O banzo renasce em mim  
E a mulher da aldeia  
Pede e clama na chama negra  
Que lhe queima entre as pernas  
O desejo de retomar  
De recolher  
Para o seu útero-terra  
As sementes  
Que o vento espalhou  
Pelas ruas...

Elementos da natureza como “oceanos”, “sóis” e “luas” simbolizam a vida, o trabalho e a passagem do tempo, sendo indicativos de uma realidade já vivida que renasce em condições semelhantes às do passado. De um lado, tem-se o sofrimento da mulher e o desejo de reencontro com seus filhos, estes que “o vento espalhou / pelas ruas”, de outro, observa-se a metáfora de “útero-terra” e “sementes” de uma árvore, simbolizando a África e os negros dispersos por causa da diáspora.

Nesse sentido, Evaristo traz a herança africana e a vontade de retorno à terra de origem como bases da construção identitária afrodescendente. Ao enfatizar a marginalidade social, representada pelos “filhos na rua”, a autora denuncia essa situação de exclusão e de preconceito do negro como consequência do processo de movência durante e após o tempo de escravidão. Assim, o poema funciona como uma forma de protesto a esse tipo de discriminação na sociedade brasileira.

Em *Poemas da recordação e outros movimentos*, o processo memorialístico de idas e vindas ao passado é constante, sendo o fazer poético e a oralidade também temas significativos para o processo de construção identitária afro-brasileira na obra de Conceição Evaristo, como no poema “De mãe” (EVARISTO, 2008, p. 32).

### De mãe

O cuidado de minha poesia  
aprendi foi de mãe,  
mulher de pôr reparo nas coisas,  
e de assuntar a vida.

A brandura de minha fala  
na violência de meus ditos  
ganhei de mãe,  
mulher prenhe de dizeres,  
fecundados na boca do mundo.

Foi de mãe todo o meu tesouro  
veio dela todo o meu ganho  
mulher sapiência, yabá<sup>29</sup>,  
do fogo tirava água  
do pranto criava consolo.

Foi de mãe esse meio riso  
dado para esconder  
alegria inteira  
e essa fé desconfiada,  
pois, quando se anda descalço  
cada dedo olha a estrada.

Foi mãe que me descegou  
para os cantos milagreiros da vida  
apontando-me o fogo disfarçado  
em cinzas e a agulha do  
tempo movendo no palheiro.  
Foi mãe que me fez sentir  
as flores amassadas  
debaixo das pedras  
os corpos vazios  
rente às calçadas  
e me ensinou,  
insisto, foi ela  
a fazer da palavra  
artifício  
arte e ofício  
do meu canto  
da minha fala.

Em “De mãe”, tem-se os ensinamentos maternos como fonte de referência para o ato de escrever e o cuidado com as palavras. “Prenhe de dizeres”, a mãe é apresentada como a detentora da memória e da cultura de seu povo, e da sabedoria que transfere a seus filhos. Diferente do estereótipo do tempo da escravidão, em que mulher negra era submetida ao trabalho doméstico e sexual, o poema “confronta esse dado histórico promovendo no presente a atualização da imagem da mulher negra, que é valorizada como sujeito capaz de compor sua própria história e

---

<sup>29</sup> Significa “Mãe Rainha”. Termo utilizado no Brasil em religiões de matriz africana para definir os orixás femininos, especialmente Yemanjá e Oxum.

posicionar-se de maneira consciente em relação ao passado” (RIBEIRO, s. i. a., p. 5).

Nesse contexto, a autora descreve como o “fazer da palavra” se fez importante para acalantar a fúria provocada pela pobreza vivida na infância. É pela mãe que aprende a brandura da fala em meio ao sofrimento, por quem será consolada e compreenderá a alegria de viver mesmo “quando se anda descalço” e quando se depara com “corpos vazios / rente às calçadas”. Dessa forma, transforma as armadilhas da vida em “arte e ofício”, cantando, falando e, sobretudo, denunciando os dramas do negro em sua poesia.

Em “Do velho ao jovem” (EVARISTO, 2008, p. 51), a experiência transmitida oralmente entre gerações é retomada. Tem-se a relação do velho e do jovem, e a imagem de vida de cada um. O primeiro, caracterizado por “rugas” que são “letras”, cujas palavras do abecedário da vida estão “escritas na carne”, simboliza o passado dos negros durante e após a escravidão. Passado de servidão, de luta e de resistência. O segundo, pelo “frescor da pele” e pelo “brilho nos olhos”, representa a nova geração de negros que, embora livres, possuem muitas “dúvidas” quanto ao seu lugar no mundo e suas origens, tendo em vista as desigualdades e os preconceitos sociais. Embora ocupem lugares diferentes na sociedade, suas mãos estão “entrelaçadas” e o “velho tempo / funde-se ao novo”, demonstrando que a condição de silenciado do velho será compensada pela fala explosiva do jovem.

#### **Do velho ao jovem**

Na face do velho  
as rugas são letras,  
palavras escritas na carne,  
abecedário do viver.

Na face do jovem  
o frescor da pele  
e o brilho dos olhos  
são dúvidas.

Nas mãos entrelaçadas  
de ambos,  
o velho tempo  
funde-se ao novo,  
e as falas silenciadas  
explodem.

O que os livros escondem,  
as palavras ditas libertam.  
E não há quem ponha  
um ponto final na história

[...]

Nos olhos do jovem  
também o brilho de muitas histórias.  
E não há quem ponha  
um ponto final no rap

É preciso eternizar as palavras  
da liberdade ainda e agora...

Observa-se a presença da tradição oral como forma de manter viva a memória histórica e ancestral. É pelo brilho dos olhos do jovem, ao ouvir a palavra do velho, suas experiências e a história “que os livros escondem”, que o conhecimento transmitido permanecerá vivo (FERREIA, s. i. a.).

Conforme aponta Le Goff (2003, p. 422), “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos, que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva”. Nesse sentido, a história oficial é recontada, sendo o “não ponto final” a segurança de continuidade da história dos negros no tempo e de pertença a uma origem (POLLAK, 1992).

As palavras eternizarão as histórias do passado como forma de afirmação identitária, e a liberdade conquistada será ainda discutida pelas gerações futuras. Assim, a partir da evocação das memórias histórica, familiar e individual, Conceição Evaristo propõe “uma releitura própria e crítica” (LIMA, s. i. a., p. 10) sobre a escravidão no Brasil, onde demonstra seu comprometimento etnográfico com as origens africanas ao denunciar os reflexos do passado na vida dos afrodescendentes.

## PALAVRAS FINAIS

*A palavra poética é um modo de narração do mundo. Não só de narração, mas talvez, antes de tudo, de revelação do utópico desejo de construir um outro mundo. Pela poesia, inscrever-se, então, o que o mundo poderia ser. E, ao almejar um mundo outro, a poesia revela o seu descontentamento com uma ordem previamente estabelecida (EVARISTO, 2004, p. 2).*

Além de ser um lugar de criação estética, entende-se que a poesia afro-brasileira atua como promotora da transmissão da memória entre diferentes gerações, contribuindo de forma significativa para o processo de construção identitária dos afrodescendentes. Lembranças inscritas no corpo e no espírito dos negros revelam lacunas na história escrita, possibilitando às novas gerações outra visão de mundo através de um processo de conscientização sobre o passado e das condições socialmente enfrentadas pelo negro no dia a dia.

Nas obras *Guardados da memória* (2008) e *Poemas de recordação de outros movimentos* (2008), observa-se que, ao expor os relatos ouvidos desde a infância por pessoas próximas, Ana Cruz e Conceição Evaristo demonstram a importância do gênero feminino e dos mais velhos na construção familiar. Esses vistos como símbolo de sabedoria e responsáveis por manter viva a memória ancestral na diáspora. De uma linguagem poética que, muitas vezes, confunde-se ao texto prosaico, as autoras exploram o resgate da memória para elucidar a influência da origem africana nas suas escritas. Ao propor que a história do negro no Brasil seja revisada, expõem um ponto de vista não tradicional, dialogando sobre o contexto da escravidão e da marginalidade social contemporânea.

Embora se percebam certas diferenças no estilo de linguagem empregado pelas autoras, como o frequente uso de palavras compostas criadas por Evaristo (“águas-lembranças”, “vozes-mulheres”, “útero-mãe”, “voz-banzo”, “vidas-blasfemas”, “corpo-caminho”, etc.), a questão identitária e o cunho memorialístico de seus poemas as aproximam. Nesse sentido, ao utilizar como temática o sofrimento do negro, tanto na travessia do navio negreiro, quanto já em terras brasileiras, vivendo nas piores condições possíveis, o sentimento de banzo aparece como forma de resgate da cultura e ancestralidade africana.

Elementos como o conhecimento apreendido pela transmissão da tradição ancestral dão a ideia de preenchimento ao indivíduo que se sente incompleto na contemporaneidade. Através da consciência de sua origem, o processo identitário do negro se constrói pela luta e pela resistência em fazer com que sua história passada permaneça viva, atestando seu orgulho de pertencer a esse coletivo étnico, e confrontando, assim, o silenciamento forçado ao negro durante séculos. Nesse contexto, a recuperação da tradição perdida ocorre como (re)ação defensiva desse grupo minoritário em oposição ao discurso hegemônico de outros grupos sociais.

Ao questionarmos por que a poesia, dentre os diferentes gêneros literários, atua como foco de resistência desse grupo, acredita-se que a cultura negra “abraçou” a poesia quando fez a transição da oralidade para a literatura, como consequência da própria tradição africana dos *griots*<sup>30</sup>. Desse modo, a poesia aparece como forma de reação ao passado dos negros ocultado por séculos, agindo como forma de preservação da cultura e da memória, ao revelar fatos apagados pela história oficial, promovendo, então, a identificação social com discurso do negro.

Interessante perceber o comprometimento de Ana Cruz e Conceição Evaristo com a temática negra e a reconstrução memorialística a partir da diáspora. Ao denunciarem a desigualdade social vivida pelo afro-brasileiro, especialmente a dupla discriminação sofrida pela mulher negra ao longo dos séculos, as autoras demonstram um fazer poético com estilo próprio. Uma poesia com caráter autobiográfico, cujas experiências retratadas possibilitam a reflexão e a compreensão da realidade dos negros no Brasil. Uma vez que o passado não pode ser alterado, sendo possível um novo olhar para o presente e para o futuro.

Em *Guardados da memória e Poemas de recordação de outros movimentos*, observa-se uma forte presença do sincretismo religioso nos poemas de Ana Cruz e Conceição Evaristo. Em Minas Gerais, local onde nasceram as autoras, há um enorme número de igrejas e um predomínio de seguidores da Igreja Católica, entretanto, se comparado ao restante do Brasil, esse catolicismo é diferenciado. Sendo um estado inicialmente ocupado por portugueses e escravos, a séria religiosidade do colonizador foi assimilada pelo negro, fazendo com que elementos

---

<sup>30</sup> Contadores de histórias.

advindos do catolicismo se confundissem com a tradição e cultura africana trazidas pelos escravos.

Nesse sentido, Cruz e Evaristo, ao utilizarem a religiosidade como tema, recriam passagens bíblicas como forma de expor a situação dos negros na diáspora. Sobre isso, percebem-se certas semelhanças entre a palavra “divina”, onde constam as “memórias da humanidade”, e a das autoras, no que diz respeito ao desejo de que a sociedade testemunhe e acredite no que está sendo dito, ou seja, quanto à desigualdade social cotidiana.

Portanto, compreende-se que as autoras assumem comprometimento etnográfico e político-social na poética afro-brasileira contemporânea, demonstrando uma literatura marcada pela valorização da negritude e pela “[...] permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido” (POLLACK, 1989, p. 7). Duas grandes escritoras mineiras de gerações distintas com uma preocupação em comum: traduzir em palavras os sentimentos de todo um povo subjugado ao longo dos séculos e propor a reflexão da sociedade para as desigualdades no mundo.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais*: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural. São Paulo: SENAC, 2002.

AGOSTINHO, Santo. Livro décimo. In: \_\_\_\_\_. *Confissões*; De magistro (do mestre). São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 200-210.

AMARAL, Fernando Pinto do. *O mosaico fluido*: modernidade e pós-modernidade na poesia portuguesa mais recente – autores revelados na década de 70. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.

AMARO, Sarita Teresinha Alves. *Negros*: identidade, exclusão e direitos no Brasil. Porto Alegre: Tchê Editora, 1997.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. *Memória e vida*: textos escolhidos. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERND, Zilá. (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais*: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010.

\_\_\_\_\_. *Introdução à literatura negra*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988a.

\_\_\_\_\_. *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988b.

\_\_\_\_\_; MANGAN, Patrícia Kayser V.; BRUSCATTO, Underleia M. (Org.). *Emnemon*: dicionário de expressões da Memória Social, dos Bens Culturais e da Cibercultura. Disponível em: <<http://edicionario.unilasalle.edu.br/>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

\_\_\_\_\_; SOUZA, Emilene Corrêa; CORRÊA JUNIOR, Plínio Carlos Souza. *Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Antologia de poesia afro-brasileira e a educação básica: mudanças no ensino de literatura após a lei nº 10.639/03. *La Salle: Revista de Educação, Ciência e Cultura*, Canoas, RS, v. 15, n. 2, p.11-20, jul. 2010.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 19-42; 70-104.

BÍBLIA. Português. *Bíblia online*. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/>>. Acesso em 27 out. 2013.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CEIA, Carlos (Coord.). *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt/>>. Acesso em: 10 dez. 2013

CONEXÃO LETRAS 6: Revista do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v. 6, n. 6, 2011.

CRUZ, Ana. *Guardados da memória*. Niterói: edição da autora, 2008.

\_\_\_\_\_. *Polindo sentimentos*. Disponível em: <<http://anacruzescritora.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

CUTI (Luis Silva). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DIAS, Valdenides Cabral de Araújo. Escrivência e frutescências: outros movimentos em poemas da recordação de Conceição Evaristo. In: *Palavra e Poder: representações literárias*. Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura. Brasília: Universidade de Brasília, 2011. Disponível em: <[http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/valdenides\\_cabral.pdf](http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/valdenides_cabral.pdf)>. Acesso em 01 nov. 2013.

DUARTE, Constância Lima (Org.). *Dicionário bibliográfico de escritores mineiros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). *Literafro – Portal da Literatura afro-brasileira*. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>>. Acesso em 01 jul. 2012.

\_\_\_\_\_. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, jan./abr. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000100017&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000100017&script=sci_arttext)>. Acesso em 01 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Literatura e afrodescendência. 2007. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). *Literafro – Portal da Literatura afro-brasileira*. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/artigoeduardoafrodescendencias.pdf>>. Acesso em 01 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Terceira margem*, Rio de Janeiro, n. 23, jul./dez. 2010, p. 113-138.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Florianópolis: Mulheres, 2013.

\_\_\_\_\_. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. In: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). *Literafro – Portal da Literatura afro-brasileira*. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>>. Acesso em: 07 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita: depoimento. [2007]. Disponível em: <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>>. Acesso em 04 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

\_\_\_\_\_. *Poemas da recordação de outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003. (Edição especial, 2006)

\_\_\_\_\_. *Nossa escrevivência*. Disponível em: <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/>>.

\_\_\_\_\_. Olhos d'água. p. 3-5. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/autores/43/textosselecionados.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: UFF, 2004. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf>>. Acesso em: 13 set. 2013.

FERREIRA, Amanda Crispim. A memória em Poemas da recordação e outros movimentos de Conceição Evaristo. In: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). *Literafro – Portal da Literatura afro-brasileira*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/autores/43/conceicaocritica05.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2013.

FERREIRA, Elio. Memória, construção de identidades e utopia em *Canto dos palmares*, de Solano Trindade. In: FERRERIA, Elio; MENDES, Algemira de Macedo (orgs.). *Literatura afrodescendente: memória e construção de identidades*. São Paulo: Quilombhoje, 2011. p. 61-74.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2001. p. 85-94.

GODOY, Ana Boff de. Identidade criouliada: a (re)construção de um novo homem. In: BERND, Zilá; LOPSES, Cicero Galeno (Org.). *Identidades e estéticas compósitas*. Canoas: Unilasalle / Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 61-81.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: \_\_\_\_\_; DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos (Org.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 11-26.

\_\_\_\_\_. Memória individual, memória coletiva, memória social. *Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 13, 2008. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29-70; p. 71-111.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. A questão multicultural. In: \_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG / Brasília: UNESCO, 2003. p. 51-100.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IZQUEIRO, Iván. *Questões sobre memória*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. 5. ed. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 419-471.

LIMA, Omar da Silva. Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). *Literafro – Portal da Literatura afro-brasileira*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/autores/43/conceicaocritica06.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2013.

LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey (Org.). *Griots - culturas africanas: linguagem, memória, imaginário*. Natal: Lucgraf, 2009.

LOTAMN, Yuri. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Estampa, 1978.

MARQUES, Jorge. A recordação de si e de muitos. *Revista Fórum identidades.*, São Cristóvão, v. 6, jul./dez. 2009. p. 251-253. Disponível em: <[http://200.17.141.110/periodicos/revista\\_forum\\_identidades/revistas/ARQ\\_FORUM\\_IND\\_6/RESENHA\\_FORUM6\\_01.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_6/RESENHA_FORUM6_01.pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2013.

MELO, Elisabete; BRAGA, Luciano. *História da África e afro-brasileira: em busca de nossas origens*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

MENDES, Ana Claudia Duarte. Eco e memória: “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo. *Terra roxa e outras terras*, Londrina, v. 17-A, dez, 2009. p. 113-122. Disponível em: <[http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol17A/TRvol17Aj.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17A/TRvol17Aj.pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, abr. 1993. p. 7-28.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. A escrita étnica e feminina nos “Cadernos Negros”. In: \_\_\_\_\_; MARRECO, Maria Inês de Moares. *Linhas cruzadas: literatura, arte, gênero e etnicidade*. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2011. p. 137-142.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-215. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2013.

RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Org.). *Quilombhoje*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.quilombhoje.com.br/>>. Acesso em: 01 ago. 2012.

RIBEIRO, Patrícia. *Tramas do tempo: vozes femininas tecendo recordações*. Trabalho não publicado. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/l211.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. *A poética de Conceição Evaristo como uma incursão pelos caminhos da história*. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/A-po%C3%A9tica-de-Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-como-uma-incurs%C3%A3o-pelos-caminhos-da-hist%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em 05 nov. 2013.

RICOEUR, Paul. Memória pessoal, memória coletiva. In: \_\_\_\_\_. *A Memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alan François et al. Campinas: UNICAMP, 2007. p. 105-142.

SANTOS, Bruna Carla dos. Memórias e resgate da cultura afro-brasileira em Ana Cruz. In: ARRUDA, Aline et al (Org.) *Anais do V Colóquio Mulheres em Letras: escrituras, valores, sentidos*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. p. 118-122. Disponível em: <[http://media.wix.com/ugd/030d3a\\_b49f8cfd622a490a853b1abfa7413fe9.pdf](http://media.wix.com/ugd/030d3a_b49f8cfd622a490a853b1abfa7413fe9.pdf)>. Acesso em 05 dez. 2013.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2001. p. 37-58.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <[http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm\\_3439.pdf](http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_3439.pdf)>.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Literatura negra como literatura marginal: Brasil, 1980. In: FERREIRA, Elio; MENDES, Algemira de Macedo (Org.). *Literatura afrodescendente: memória e construção de identidades*. São Paulo: Quilombhoje, 2011. p. 125-142.

SILVEIRA, Oliveira. Encontrei minhas origens. In: *Poemas: antologia*. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009. p. 70.

VASCONCELOS, Vânia Maria Ferreira. *Rosário de mulher: a maternidade na obra de Conceição Evaristo*. Disponível em: <[http://www.gelbc.com.br/pdf\\_jornada/vania\\_vasconcelos.pdf](http://www.gelbc.com.br/pdf_jornada/vania_vasconcelos.pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2013.

## ANEXO A

## POEMAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO PUBLICADOS ATÉ 2008

POEMA <sup>31</sup>	ANO	NÚMERO NA SÉRIE CADERNOS NEGRO <sup>32</sup>
Recordar é preciso	1992	15
Vozes-mulheres	1990	13
Filhos na rua	1992	15
Todas as manhãs	1998	21
Os sonhos	1990	13
Meu corpo igual	1992	15
Meu rosário	1992	15
Eu-mulher	1990	13
Do fogo que em mim arde	2008	*
Do feto que em mim brota	2008	*
A noite não adormece nos olhos das mulheres	1996	19
Menina	1992	15
Bendito o sangue de nosso ventre	2008	*
Para a menina	1998	21
Da mulher, o tempo	2008	*
Amigas	2008	*
Fêmea-fênix	2008	*
De mãe	2002	25
Da velha à menina	2002	25
Da menina, a pipa	2002	25
Do menino, a bola	2002	25
Ao escrever	1996	19
Malungo, brother, irmão	1996	19
Pedra, pau, espinho e grade	1992	15
Os bravos e serenos herdarão a terra	1998	21
Favela	1992	15
Brincadeiras	1992	15
Pão	1992	15
Bus	1992	15
Stop	1992	15
Da conjugação dos versos	2008	*
Meia lágrima	2008	*
Do velho ao jovem	2008	*
Da esperança, o homem	2002	25
Poema de Natal	2008	*
Negro-estrela	1990	13
Tantas são as estrelas	1998	21
Fluida lembrança	1990	13
Se à noite fizer sol	1998	21
M e M	1998	21
Frutífera	2008	*
Mineiridade	1990	13
A roda dos não ausentes	2008	*
Da calma e do silêncio	2008	*

\* Poemas publicados como inéditos em *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008).

<sup>31</sup> Ordem de poemas conforme sumário de *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008).

<sup>32</sup> Informações retiradas do artigo "Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente" (LIMA, s. i. a., p. 3).

## ANEXO B

### CONVERSAS COM ANA CRUZ<sup>33</sup>

#### QUESTIONÁRIO 1

Emilene: **Sua família é natural de Minas?**

Ana Cruz: Sim.

Emilene: **Em Minas moraram só em Visconde do Rio Branco?**

Ana Cruz: Sim.

Emilene: **Por quanto tempo residiram em Minas?**

Ana Cruz: Eu até os 14 anos, meus pais até os 50 anos.

Emilene: **O que aconteceu durante sua vida durante o tempo que morou em Minas e quando foi morar no Rio de Janeiro?**

Ana Cruz: Eu nasci na roça. Fiz toda minha formação de 5 anos primário numa escola publica da melhor qualidade. Ganhei meu primeiro concurso da minha escola aos 11 anos. Saiu no Jornal da cidade e tudo. Os momentos mais marcantes estão na área rural. Esses momentos estão associados aos sentimentos de liberdade, do contato direto com a natureza, de enterrar a semente e de novo vê-la ganhar vida! Esse processo contínuo da natureza, o cheiro da terra, a cumplicidade, o tratamento humano, a certeza de que ela era uma extensão da nossa existência era profundo e sincero. Longe dessa visão e do discurso chato de alguns ecologistas, que defendem a natureza somente para assegurar a continuidade da existência humana.

Emilene: **Seria possível elencar datas mais significativas ao longo de sua vida até o momento?**

Ana Cruz: Momentos marcantes foram quando mudamos da roça para cidade, em 1972, e outro em 1975, quando chegamos para morar em Volta Redonda. Esses dois momentos foram de muitas perdas, eu levei alguns anos para me reconstruir,

---

<sup>33</sup> Questionários respondidos por Ana Cruz em setembro de 2013 e janeiro de 2014 através de meio eletrônico (*internet*).

subjetivamente falando. E no final dos anos 70, ainda na adolescência, comecei minha militância, que para mim foi um grande momento e também a minha salvação. Salvação, pois o processo de imigração é muito violento. Eu perdi literalmente o meu chão e o meu foco; nada naquele lugar pulsava em mim, nada me mobilizava. Eu não pertencia àquele lugar.

Emilene: **Tem irmãos?**

Ana Cruz: Tenho quatro.

Emilene: **É solteira ou casada?**

Ana Cruz: Solteira!

Emilene: **Tem filhos?**

Ana Cruz: Não.

Emilene: **Além do jornalismo, possui outra formação?**

Ana Cruz: Tenho cursos livres em História da África e especialização na área de economia política.

Emilene: **Qual sua ocupação profissional atualmente?**

Ana Cruz: Tenho um projeto de Mulheres Negras, faço seminários e tento desempenhar o meu projeto literário, que é o meu maior desafio.

Emilene: **Quando e como surgiu sua vontade por escrever e seu contato com a literatura?**

Ana Cruz: Sempre tive vontade de escrever desde a infância.

Emilene: **Em alguns poemas fica clara sua afirmação pela mineiridade. Gostaria que comentasse um pouco sobre isso.**

Ana Cruz: A afirmação da minha mineiridade é natural, eu não saberia me comunicar sem ela, é uma coisa intrínseca. Eu sou resultado de uma energia africana e da energia indígena, considerando que minha bisavó paterna era uma índia. A região onde nasci era território de indígenas, que foram dizimados pelos portugueses e espanhóis.

**Emilene: Quais foram e são suas influências literárias?**

**Ana Cruz:** Li Machado, gostava muito de Clarisse Lispector. Minha literatura era muito mais marxista, muito ligada com aquilo que meu trabalho exigia, enquanto uma profissional da área social e política.

**Emilene: Como você vê as literaturas brasileira e afro-brasileira atualmente?**

**Ana Cruz:** A literatura afro-brasileira é uma forma justa de colocar a cultura e os saberes da população negra na condição precursora na construção da identidade dessa nação. Os homens e as mulheres suplantados e aqui escravizados pertencentes de diferentes países africanos eram portadores de diferentes conhecimentos, tinham uma cultura muito mais avançada que seus colonizadores tinham conhecimentos acadêmicos e tecnológicos. É também através da literatura que se contextualiza a história. Nesse sentido a literatura afro-brasileira tem sido muito rica; através dela podemos ouvir as nossas vozes silenciadas pelo racismo de uma elite que se firmou nesse país através da violência e do trabalho escravo. A literatura negra tem hoje papel importante na reconstrução do nosso sentimento de pertença, conseqüentemente, na reconstrução da identidade, e com certeza esse será o nosso grande divisor de águas.

**Emilene: Sabe-se que foi militante e assessora em movimentos sociais. Quando e como surgiu essa vontade por participar desses movimentos?**

**Ana Cruz:** Penso que já respondi lá no início.

**Emilene: Em *Guardados da memória*, assim como em outros livros seus de poesia, percebe-se ser decorrente a temática da memória, da ancestralidade, da afirmação identitária e da mulher. Gostaria que comentasse um pouco sobre isso.**

**Ana Cruz:** A presença dos meus antepassados sempre foi uma coisa muito forte durante minha infância, as pessoas idosas e as pessoas que tinham a idade de minhas tias, da minha mãe e do meu pai, das comadres, eram majorias. Em minha infância não tinha muitos meninos nem meninas. Havia muitas mulheres negras de meia idade e muitos homens com certa idade, e por conta dessa enorme população de mulheres, ouvia-se muitas histórias. Eu cresci num universo majoritariamente de negro e sentia no comportamento deles muito orgulho da negritude. As melhores

comidas eram nossas, as casas mais limpas; a melhor bordadeira era minha mãe. A presença de toda aquela gente preta era a melhor coisa mundo. E tinha muitas histórias do passado relacionadas às mulheres africanas, dos enfiamentos delas em relação à condição de escravizadas. Minhas tias sempre diziam: “nossa cultura está no sangue, é herança, não tem sofrimento capaz de arrancar isso de dentro de uma pessoa, a nossa pele preta é um sinal que nossos conhecimentos e raízes dos nossos valores são completamente diferentes daqueles que são brancos”. Eu cresci acreditando que cada etnia tem sua cultura, eu cresci acreditando na minha cultura e ela era minha vida. E também naquele meio tinha a consciência das diferentes origens africanas daquela região, e isso se expressava na época das congadas, do jongo, caxambu, e boa parte sabiam que eram bantos, Angola, gongo, Moçambique, Guiné-Bissau alguns Mandingas.

**Emilene: Também se percebe como recorrente em sua poética a temática da religião. Sendo ela um ponto importante para a busca identitária afro-brasileira, como é a sua relação com a religião ou religiões (neste caso, religiões de raiz africanas X religião católica)?**

Ana Cruz: Eu cresci sendo rezada, todos ali eram rezados, e a maioria das benzedeadas eram negras. Na minha região tinham muitas benzedeadas e benzedores, muitas videntes. Também aconteciam muitas rezas, novenas, fogueiras, mas sem a presença oficial da Igreja Católica, a Igreja que se fazia presente ali. A presença da religião de matriz africana era mais percebida pelo culto à natureza, enquanto uma coisa sagrada que a gente pode transformar a favor da vida, mas que a gente não detém o conhecimento de como foi o princípio dessa vida, desse mundo. Uma outra situação em que se percebia os valores da religião africana era no cuidado com a cabeça, pois na cabeça estão os registros, a memória dos acontecimentos e aos vivos cabem contar as histórias daqueles que já se foram, para que nada se perca.

**Emilene: Também se verifica em seus poemas a relação familiar. Neste caso, gostaria que comentasse a respeito da importância da família em seu fazer poético, com relação ao conhecimento passado de geração para geração pela oralidade.**

Ana Cruz: Na minha grande família mineira a oralidade estava presente, pois tinha muitas histórias, muitas sabedorias e experiências para serem contadas, e elas não estavam nos livros, estavam escritas na memória de cada uma daquelas pessoas. A relação do sagrado com profano, profano segundo os conceitos judaico cristão, tais como as simpatias, as hipnoses, consciência de como a sociedade olhava as mulheres negras; tudo isso foi e é muito importante para vida e minha escrita, que muito tem que avançar.

## QUESTIONÁRIO 2

Emilene: **Gostaria que comentasse sobre o concurso ganho aos 11 anos. Era um concurso literário? Caso positivo, posso ter acesso ao texto?**

Ana Cruz: Não tenho nenhuma cópia, estamos buscando encontrar nos arquivos do Jornal em Visconde do Rio, MG, onde ganhei o concurso.

Emilene: **Não ficou muito claro sobre sua residência no passado. Em 1975 vocês foram morar em Volta Redonda, você teria sete anos, mas na outra pergunta disse ter morado em Minas até os 14 anos. Posso estar fazendo confusão, mas esta cidade fica no RJ, correto? Ou vocês voltaram a morar em Minas novamente?**

Ana Cruz: A confusão foi minha, cheguei a Volta Redonda aos 13 anos.

Emilene: **Gostaria que comentasse um pouco sobre seu projeto de Mulheres Negras.**

Ana Cruz: O projeto Mulheres nasceu da necessidade de fazer o debate em torno da efetiva participação das mulheres negras na construção sócio-econômica e cultural do país, da mesma maneira trazer para ordem do dia o debate do empoderamento e da visibilidade. Mulher Negra Mostre sua Cara, é uma palavra de ordem que vem numa perspectiva de fazer com que as mulheres negras saiam desse lugar escondido que o racismo todos os dias nos impõem através das mídias, dos olhares atravessados, nos lugares públicos. Essas são atitudes que comprometem a autoestima das mulheres e das meninas negras.

**Emilene: Comentaste que possui também raiz indígena, poderia falar mais sobre essa influência em sua vida? Eu tenho raízes indígenas, pois minha bisavó paterna era índia, a região da Zona da Mata Mineira era uma imensa aldeia, que foi barbaramente dizimada pelos os Franceses.**

**Ana Cruz**: Sinto que a influência indígena que carrego está presente na minha relação com a natureza, na introspecção de se ouvir para além da própria voz, que é bem semelhante aos povos indígenas.

**Emilene: Gostaria de saber sua opinião sobre a literatura brasileira e como a partir dela se vê o negro. Principalmente na atualidade, tendo em vista discussões sobre autores ditos preconceituosos, como Monteiro Lobato, por exemplo. Você percebe alguma mudança ou renovação nessa literatura com relação ao negro?**

**Ana Cruz**: A literatura brasileira tem grandes nomes importantes, aquilo que falta é dar destaque aos escritores e escritoras negras, não apenas para dizer que também temos nossos escritores, mas sim para destacar a importância da literatura produzida por esses escritores e escritoras na construção da identidade do país. É óbvio que a identidade de qualquer nação é construída pelos diferentes povos que a constitui, e a história e cultura dos povos africanos que aqui chegaram à condição de escravizados foi determinante no processo de construção identitária brasileira. A elite brasileira é para além do racismo, extremamente conservadora e corporativista, Monteiro Lobato foi racista nos seus textos iguais à maioria dos escritores, até mesmo aqueles que escreveram a respeito da escravidão no Brasil considerados famosos. Nenhum desses deram voz a Cruz e Souza, Lima Barreto, Machado de Assis, Carolina Maria de Jesus entre outros. Nenhum desses escritores, da mesma classe social de Monteiro Lobato, deram destaque aos grandes nomes da literatura negra. Houve avanços no sentido de dar visibilidade às obras literárias dos antigos e novos escritores. Deveu isso aos esforços feitos pelos pesquisadores das universidades, em especial as universidades públicas, pois a elite literária que organiza grandes feiras, dentro e fora do país, com dinheiro público, continua nos ignorando.

**Emilene: Gostaria que falasse mais sobre ações de sua militância e sua participação em movimentos sociais durante sua adolescência até os dias de hoje. Poderia citar nomes desses grupos?**

Ana Cruz: Fui militante durante minha adolescência. Na juventude, fui militante de Pastoral Operária. Fui sindicalista e militante partidária do Movimento Negro. Sinceramente, penso que vou terminar meus dias militando, considerando que estamos longe de chegar à hegemonia política, pois conquista determinante se consegue quando se está de igual para igual nas diferentes esferas do poder, executivo, legislativo, judiciário... Nós negros e negros artistas, poetas e intelectuais estamos longe de viver somente das nossas artes ou só da produção acadêmica, temos que continuar com as mãos na massa, caso contrário não seremos respeitados, incluídos. Temos que encarar a militância social e partidária como sujeitos determinantes dos rumos da sociedade. Em outros momentos no Brasil, Europa, nos países da América Latina e Central, os artistas e intelectuais estiveram na linha de frente, não só no sentido de pensar e elaborar estrategicamente, mas também na militância junto com o povo, e somente se recolheram quando fizeram conquistas significativas, quando tiveram certeza que eram força hegemônica nos espaços de poderes. Nós negros e negras precisamos ter atitude, um pouco mais seria no sentido de debater que modelo de sociedade queremos!

**Emilene: Em uma das respostas você afirma ter “muitas histórias do passado relacionadas às mulheres africanas”, pretende escrever mais sobre essas histórias futuramente ou tem outros planos em mente?**

Ana Cruz: Minhas histórias do passado, relacionadas a mulheres africanas, são histórias de lutas, de sofrimentos, de superação, de coragem e de muitas alegrias. Nossa história está quase toda pautada na perseguição e na superação, foi assim com o samba, com as religiões de matrizes africanas. Nossas mulheres negras do passado, apesar de todas as perseguições pós-escavidão, minha mãe, minhas tias e minhas avós, foram mais corajosas, tinham a estima resolvida. As mulheres de minha geração para baixo foram e são detonadas todos os dias por todos os lados e sistematicamente pela mídia. Eu ainda pretendo escrever a respeito das minhas antepassadas ressaltando essa coragem, o sentimento de pertença que elas carregavam.

**Emilene: Gostaria de saber de qual região africana veio sua família, tendo em vista a diversidade de origens em Minas, como citaste em uma das respostas.**

**Ana Cruz:** Meus antepassados eram Bantos, Angola, Moçambique, Guiné, os Bantos chegaram a maioria na região sudeste, os Bantos eram especializados em extração de ouro, ferreiros, agricultores. A diversidade que eu cito é devido à presença de diferentes culturas africanas no mesmo território.

**Emilene: O que significa “rezada”? Seria a pessoa que tem um dom para a religião ou uma pessoa iniciada na religião? Essa pessoa tem a necessidade de incorporação? Aqui no sul (no RS) temos a Umbanda e o Candomblé, mas percebe-se serem diferentes alguns conceitos de região para região, desse modo, qual seria a sua religião? Sua crença mudou ou sofreu influência quando foi morar no RJ?**

**Ana Cruz:** Em Minas as rezadeiras, as mulheres que benziam crianças e adultos não eram ligadas nem à Umbanda nem ao Candomblé, eram mulheres que tinham o dom de uma espiritualidade e de uma mística voltada para esse tipo ajuda. Eu continuo gostando do Candomblé e da Umbanda, mas não sou praticante de nenhuma, eu ficava e ainda fico muito intrigada com a experiência de incorporar, que também é comum aos espíritas que psicografam. Não participo de religião nenhuma efetivamente.

**Emilene: Comentaste sobre a importância da cabeça na religião, poderia explicar um pouco mais sobre isso? Tem a ver com uma pessoa benzida, que possui proteção na cabeça, ou diz respeito à pessoa que está recebendo uma entidade?**

**Ana Cruz:** Em todas, ou quase todas as religiões, cuidar da cabeça é importante. Quando minha mãe nos levava para ser bantos pela rezadeira, o remédio maior era as palavras da rezadeira, tínhamos certeza de que ficaríamos bons. Esse ritual permanente cria uma enorme auto-confiança.

**Emilene: Em alguns de seus poemas você menciona a galinha d'angola. Poderia explicar a importância dela para a cultura afro e ou mineira? Também sobre algumas vertentes religiosas tenderem ao sacrifício?**

Ana Cruz: A galinha d'angola aparece na minha poesia como referência importante de minha origem africana, ela ali no quintal alinhava histórias do cotidiano negro, em especial das mulheres, ela era a referência original de determinado país africano que permanecia inalterada. Eu acho muito complicado esse assunto do sacrifício das aves, os animais não poderiam ser mortos, deveriam morrer de velhos. Mas não vejo como nada anormal o sacrifício de animais, todas religiões ou quase todas fazem, oferendas ou festejos. Nas festas de igrejas está o frango assado para bingo, o pato, no Natal o peru, o leitão assado para festejar o nascimento de Cristo... As aves e os animais que estão ali foram sacrificados em nome do prazer e da fé de um determinado grupo. No Candomblé e na Umbanda a lógica dos cultos segue um pouco a lógica da vida, os Orixás também se alimentam de verduras, carne, sangue, frutas.

## APÊNDICE

### CONCEIÇÃO EVARISTO POR CONCEIÇÃO EVARISTO<sup>34</sup>

Sou mineira, filha dessa cidade, meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946. Essa informação deve ter sido dada por minha mãe, Joana Josefina Evaristo, na hora de me registrar, por isso acredito ser verdadeira. Mãe, hoje com os seus 85 anos, nunca foi mulher de mentir. Deduzo ainda que ela tenha ido sozinha fazer o meu registro, portando algum documento da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de cor parda, filho da senhora tal, que seria ela. Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra.

Quanto a ela ir sozinha, ou melhor, solitária para o cartório me registrar é uma dedução minha tirada de alguns fatos relativos à vida de meu pai. Aliás, de meu pai conheço pouco, pouquíssimo.

Em compensação, sei um pouco mais, daquele que considero como sendo meu pai. Dele sei o nome todo. Aníbal Vitorino e a profissão, pedreiro. Meu padrasto Aníbal, quando chegou a nossa casa, minha mãe cuidava de suas quatro filhas sozinha. Maria Inês Evaristo, Maria Angélica Evaristo, Maria da Conceição Evaristo e Maria de Lourdes Evaristo. Bons tempos, o de nós meninas. Minha mãe se constituiu, para mim, como algo mais doce de minha infância. O que mais me importava era a sua felicidade. Um misto de desespero, culpa e impotência me assaltava quando eu percebia os sofrimentos dela. Minha mãe chorava muito, hoje não. Tem uma velhice mais tranquila. Meu padrasto completou 86 anos e vive ao lado dela.

Depois das quatro meninas, minha mãe teve mais cinco meninos, meus irmãos, filhos de meu padrasto.

A ausência de um pai foi dirimida um pouco pela presença de meu padrasto, mas, sem dúvida alguma, o fato de eu ter tido duas mães suavizou muito o vazio paterno que me rondava. Aos sete anos, fui morar com a irmã mais velha de minha

---

<sup>34</sup> Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro>>.

mãe, minha tia Maria Filomena da Silva. Ela era casada com Antonio João da Silva, o Tio Totó, viúvo de outros dois casamentos. Não tiveram filhos. Fui morar com eles, para que a minha mãe tivesse uma boca a menos para alimentar. Os dois passavam por menos necessidades, meu Tio Totó era pedreiro e minha Tia Lia, lavadeira como minha mãe. A oportunidade que eu tive para estudar surgiu muito da condição de vida, um pouco melhor, que eu desfrutava em casa dessa tia. As minhas irmãs enfrentavam dificuldades maiores.

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos. Cozinhar, arrumar, passar, cuidar de crianças. Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa. Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos.

Conseguir algum dinheiro com os restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas, foi um modo de sobrevivência também experimentado por nós. E no final da década de 60, quando o diário de Maria Carolina de Jesus, lançado em 58, rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos.

Minha mãe leu e se identificou tanto com o Quarto de Despejo, de Carolina, que igualmente escreveu um diário, anos mais tarde. Guardo comigo esses escritos e tenho como provar em alguma pesquisa futura que a favelada do Canindé criou

uma tradição literária. Outra favelada de Belo Horizonte seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela.

Em minha casa, todos nós estudamos em escolas públicas. Minha mãe sempre cuidadosa e desejosa que aprendêssemos a ler, nos matriculou no Jardim de Infância Bueno Brandão e no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, duas escolas públicas que atendiam a uma clientela basicamente da classe alta belorizontina. Ela optou por nos colocar nessas escolas, distantes de nossa moradia, embora houvesse outras mais perto, porque já naquela época, as escolas situadas nas zonas vizinhas às comunidades pobres ofereciam um ensino diferenciado para pior.

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no Curso Primário experimentei um “apartheid” escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o Curso Primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. Entretanto, ao ser muito bem aprovada da terceira para a quarta série, para minha alegria fui colocada em uma sala do andar superior. Situação que desgostou alguns professores. Eu, menina questionadora, teimosa em me apresentar nos eventos escolares, nos concursos de leitura e redação, nos coros infantis, tudo sem ser convidada, incomodava vários professores, mas também conquistava a simpatia de muitos outros. Além de minhas inquietações, de meus questionamentos e brigas com colegas, havia a constante vigilância e cobrança de minha mãe à escola. Ela ia às reuniões, mesmo odiando o silêncio que era imposto às mães pobres e quando tinha oportunidade de falar soltava o verbo.

Ao terminar o primário, em 1958, ganhei o meu primeiro prêmio de literatura, vencendo um concurso de redação que tinha o seguinte título: “Por que me orgulho de ser brasileira”. Quanto à beleza da redação, reinou o consenso dos professores, quanto ao prêmio, houve discordâncias. Minha passagem pela escola não tinha sido de uma aluna bem comportada. Esperavam certa passividade de uma menina negra

e pobre, assim como da sua família. E não éramos. Tínhamos uma consciência, mesmo que difusa, de nossa condição de pessoas negras, pobres e faveladas.

Durante toda a primeira infância, até ali por volta dos 10 ou 11 anos, morou conosco, em um quartinho à parte, um tio materno, Osvaldo Catarino Evaristo. Esse meu tio havia servido à pátria, lutado na Itália, na Segunda Guerra Mundial. Ao retornar ao Brasil, lhe foi oferecido um cargo de servente na Secretaria de Educação. Ao longo dos anos ele estudou, desenvolvendo seus dons de poeta, desenhista e artista plástico. E, mais do que isto, foi sempre um consciente questionador da situação do negro brasileiro. Repito sempre que a ele devo as minhas primeiras lições de negritude.

Ao terminar o Primário, fiz um Curso Ginásial cheio de interrupções e, a partir dos meus 17 anos, vivi intensamente discussões relativas à realidade social brasileira. Foi quando me inseri no movimento da JOC, (Juventude Operária Católica) que, como outros grupos católicos, promovia reflexões que visavam comprometer a Igreja com realidade brasileira. Entretanto, as questões étnicas só entrariam objetivamente em minhas discussões na década de 70, quando parti para o Rio de Janeiro.

Em 73, com ajuda de amigos, imigrei para o Rio de Janeiro, antigo Estado da Guanabara, depois de ter feito concurso naquele mesmo ano, para professora primária. Eu havia terminado o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais, em 71. Tinha sido um período particularmente difícil para minha família e outras que estavam sofrendo com um plano de desfavelamento, que nos enviava para a periferia da cidade. Ao distanciarmos do centro de Belo Horizonte, não tínhamos nada, a não ser uma pobreza maior. Então, com um diploma de professora nas mãos e sem qualquer possibilidade de dar aulas em Belo Horizonte, parti de “mala e cuia” para o Rio de Janeiro. Entrar para a carreira de magistério, naquela época, dependia de ser indicado por alguém e as nossas relações com as famílias importantes de Belo Horizonte estavam marcadas pela nossa condição de subalternidade. Aliás, nesse sentido, gosto de dizer que a minha relação com a literatura começa nos fundos das cozinhas alheias. Minha mãe, tias e primas trabalharam em casas de grandes escritores mineiros ou nas casas de seus familiares. Digo mesmo que o destino da literatura me persegue...

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era

habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. Lembro-me de nossos serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. E eu, na medida em que crescia e ganhava a competência da leitura, invertia os papéis, passei a ler para todos. Ali pelos meus onze anos, ganhei uma biblioteca inteira, a pública, quando uma das minhas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na Praça da Liberdade. Fiz dali a minha morada, o lugar onde eu buscava respostas para tudo. Escrevíamos também, bilhetes, anotações familiares, orações...

Na escola eu adorava redações do tipo: "Onde passei as minhas férias", ou ainda, "Um passeio à fazenda do meu tio", como também, "A festa de meu aniversário". A limitação do espaço físico e a pobreza econômica em que vivíamos eram resolvidas por meio de uma ficção inocente, único meio possível que me era apresentado para viver os meus sonhos. Se naquela época eu não tinha nenhuma possibilidade concreta de romper com o círculo de imposições que a vida nos oferecia, nada, porém freava os meus desejos. Eu menina, dona de uma tenaz esperança e de uma sabedoria precoce, reconhecia que a vida não poderia ser somente aquele pouco que nos era oferecido. Se muito de minha infância pobre, muito pobre, me doía, havia felicidades também incontáveis. As margaridas, as dalias e outras flores de nosso pequeno jardim. As frutas nos pés a matar a nossa fome. Os bolinhos de comida que mãe amassava com as mãos e enfiava em nossas bocas. As bonecas de capim ou bruxas de panos que nasciam com nome e história de suas mãos. O céu, as nuvens, as estrelas, sinais do infinito que minha e mãe e tia nos ensinaram a olhar e a sentir. E desse assuntar a vida, que foi ensinado por elas, ficou essa minha mania de buscar a alma, o íntimo das coisas. De recolher os restos, os pedaços, os vestígios, pois creio que a escrita, pelo menos para mim, é o pretensioso desejo de recuperar o vivido. A escrita pode eternizar o efêmero...

Nesse sentido, o que a minha memória escreveu em mim e sobre mim, mesmo que toda a paisagem externa tenha sofrido uma profunda transformação, as lembranças, mesmo que esfiapadas, sobrevivem. E na tentativa de recompor esse

tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo. Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do esquecimento, invento, invento. Inventei, confundi Ponciá Vicêncio nos becos de minha memória. E dos becos de minha memória imaginei, criei. Aproveitei a imagem de uma velha Rita que eu havia conhecido um dia. E ainda desses mesmos becos, posso ter tirado de lá Ana e Davenga. Quem sabe Davenga não era primo de Negro Alírio? E por falar em becos da memória, voltei hoje de manhã à Rua Albita. Outra. Dali só reconheci a terra. Sim a terra, o pó, o barranco sobre o qual está edificado o “Mercado Cruzeiro”, no final da rua. Observei que a edificação do prédio conservou na base, parte do barranco sem cimentá-lo. Pude contemplar o solo, base da base da construção. Em um ponto qualquer daquele espaço, literalmente está enterrado o meu umbigo. Sem que ninguém percebesse alisei o chão e catei alguns fragmentos. Tive um desejo louco de tocar as minhas mãos com a boca. Era ali que a minha mãe desenhava o sol para chamá-lo à terra, quando tempo estava encharcado de chuva e as nossas latas vazias de alimento. Mas abaixo está a escultura de dois homens. Eles estão com os braços abertos, meio suspensos, com os gestos largos, insinuando que estão a caminhar em frente. Pensei: se eles derem uns poucos passos chegarão à torneira pública, em que apanhávamos água e as lavadeiras, como minha mãe e tia, desenvolviam seus trabalhos.

O pequeno monumento que foi erguido, não em memória aos antigos e primeiros da área, se chama “Otimismo”. Não sei por que pensei em nossos mortos, em todas as pessoas que viveram ali. E agradei à vida o momento que estou vivendo agora. Impliquei com nome dado à escultura e fiquei curiosa. Qual seria o motivo daquela estátua? E porque o nome “Otimismo”? Outros nomes e sentidos me vieram à mente. Um deles insiste: resistência, resistência, resistência...

Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu- agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi recentemente:

"O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia..."